

O GALO



ANO XI - Nº 6 - Julho, 1999

NATAL-RN

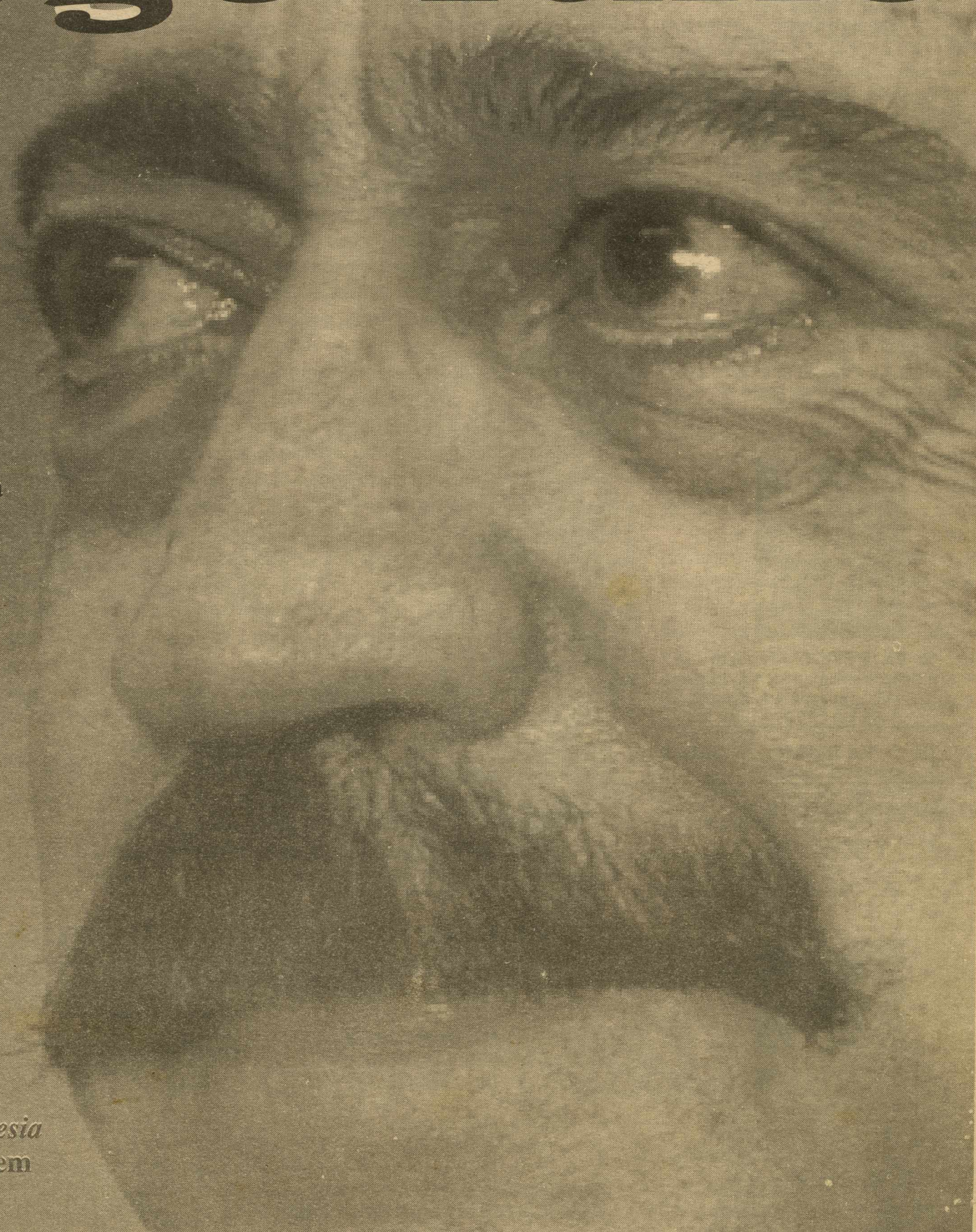
FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO - DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA

Jorge Tufic

Com o projeto de construir uma obra poética singular que só possa comparar-se à de um João Cabral, um Raul Bopp ou um Augusto dos Anjos, o acriano Jorge Tufic vem elaborando uma obra poética que, se já chamava a atenção de seus pares, começa também a receber o reconhecimento da crítica. É o que indica sua escolha para o Prêmio Ascenso Ferreira 1999, que acaba de ser anunciado pela Fundação Casa Hermilo Borba Filho. Em entrevista exclusiva a Nelson Patriota, Jorge Tufic fala do significado desse prêmio, da importância da poesia e denuncia os predadores da Amazônia.

n O centenário do poeta Luís Patriota é lembrado em textos de Manoel Rodrigues de Melo, Câmara Cascudo e Nilson Patriota.

n Luís Carlos Guimarães estréia sua coluna *Pois é a poesia* com crônica e soneto de Rubem Braga.



Índice

3 **Luís da Câmara Cascudo** - "O Barlaeus do nosso Instituto"

4 **Afrânio Pires Lemos** - "Beleza"

5 **Umberto Peregrino** - "O Mar Visto do Monte"

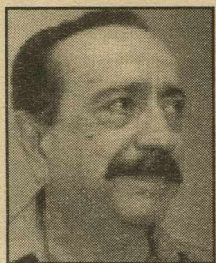
6 **Tassos Lycurgo** - "Para os cavalos, o inglês?"

7 **Rômulo Gibson** - "Tradição poética em Fernando Pessoa"

9 **Franco Maria Jasiello** - "Tributo a Ernest Hemingway"

encarte

Se vivo estivesse, o poeta Luís Patriota comemoraria, este ano, seu centenário de nascimento, ocorrido num remoto lugarejo do município de Touros. Autor de *Poema das Jangadas* e da poesia confessional do *Livro d'Alma*, Luís Patriota é evocado em três textos assinados, respectivamente, por Nilson Patriota, Luís da Câmara Cascudo e Manoel Rodrigues de Melo.



15 **ENTREVISTA** - O poeta acriano/amazonense Jorge Tufic, ganhador do Prêmio Ascenso Ferreira 1999

19 **Carlos Trigueiro** - "O Diabo e o jornalista", conto.

20 **LANÇAMENTOS**

21 **LANÇAMENTOS**

22 **UBE dá diploma a O GALO**



23 **POIS É A POESIA** - Em destaque, o cronista e poeta Rubem Braga.

24 **Amor pela terra-Natal**
Poema de Getúlio Araújo

O poeta das jangadas

Dois tributos, a estréia de uma coluna, uma gama variada de ensaios, uma entrevista de revelações surpreendentes, poesia e ficção fazem deste número de O GALO algo prenunciador de veredas ainda por descortinar, sem trair seu escopo tradicional.

O primeiro tributo é ao poeta Luís Patriota, originário do município de Touros e quem primeiro deu forma poética às belezas que a natureza prodigalizou às suas praias. Essa identificação visceral com o chão natal traduziu-a o poeta no *Livro d'Alma* e no *Poema das Jangadas*, obras publicadas respectivamente em 1922 e 1936. Câmara Cascudo, Manoel Rodrigues de Melo e Nilson Patriota assinam os textos em homenagem ao centenário poeta tourense, conhecido como "O poeta das jangadas".

O segundo tributo é prestado pelo poeta e crítico Franco M. Jasiello a Ernest Hemingway por ocasião do seu centenário de nascimento, com destaque para os temas do amor, da coragem, da derrota e, sobretudo, da morte, na obra hemingwayana. A morte se faz presente "na **plaza de toros**, no campo de batalha, no hospital, nas montanhas da Espanha, aos pés do Kilimanjaro, nas palavras de amor, nas de adeus que não são ditas", comenta Jasiello.

O jornalista Nelson Patriota entrevista o poeta Jorge Tufic, o qual acaba de ser agraciado com o Prêmio Ascenso Ferreira, o mais importante laurel de poesia do Nordeste. Na entrevista, Tufic se mostra um escritor preocupado não só com a construção de uma obra literária que está prestes a completar 40 títulos publicados, mas também com o futuro da Amazônia, região onde nasceu, e que passa, segundo revela, por um processo de devastação que ameaça desfigurá-la de forma permanente.

O selo 400 Anos, traz três textos relativos a diferentes aspectos da vida natalense: Cascudo narra as vicissitudes por que passou o *Barlaeus*, obra clássica da historiografia norte-rio-grandense e nacional, e que pertence ao catálogo do Instituto Histórico e Geográfico do estado; Afrânio Pires Lemos resgata do esquecimento a popular "Beleza", e Umberto Peregrino recorda as emoções

vividas em Natal, em diversas visitas que fez à cidade.

Luís Carlos Guimarães estréia a coluna *Pois é a poesia*, voltada para a crítica e a divulgação de poetas daqui e de fora. Inaugura a coluna o cronista Rubem Braga, exemplo de prosa poética, com sua crônica "A nenhuma chamarás Aldebarã" e um soneto, faceta esta, aliás, pouco conhecida mas previsível em um escritor cumulado de tantos dotes poéticos na sua prosa.

O naipe de ensaios é aberto por Tassos Lycurgo, mestre em filosofia pela universidade inglesa de Sussex, que assina um interessante estudo sobre o duplo viés da língua inglesa: o latino (culto) e o saxão (popular). O também acadêmico Rômulo Gibson analisa a rica tradição literária presente na obra de Fernando Pessoa.

Além de toda essa variedade de temas e assuntos, o leitor do GALO vai deparar com a ficção de um dos escritores brasileiros mais apreciados da atualidade, o amazonense Carlos Trigueiro. Com raízes norte-rio-grandenses e vivendo presentemente no Rio de Janeiro, Trigueiro acaba de arrebatar o prêmio de ficção da União Brasileira de Escritores pelo livro de contos *O livro dos Ciúmes*. Para estreiar no GALO, Trigueiro gentilmente enviou-nos um trabalho inédito, "O Diabo e o Jornalista".

O poeta Getúlio Araújo, natalense há muitos anos radicado em Goiás, mas que traz sempre presente na lembrança sua terra natal, é o registro poético deste número, através do poema "Amor pela terra-Natal", onde evoca imagens caras aos natalenses.

Por fim, temos a satisfação de comunicar que este jornal foi agraciado com o diploma de Mérito Cultural da União Brasileira de Escritores, em junho passado. Esse laurel, que muito nos envaidece e incentiva, foi passado ao editor do GALO, jornalista Nelson Patriota, pelas mãos do escritor Francisco da Silva Nobre, presidente da Federação das Academias de Letras do Brasil, em solenidade promovida pela UBE no Rio de Janeiro.

Atenciosamente,

O Editor

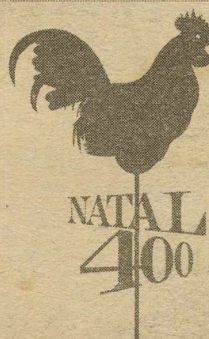
GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

GARIBALDI FILHO
Governador

**Fundação José Augusto
WODEN MADRUGA**
Diretor-Geral

JOSÉ WILDE DE OLIVEIRA CABRAL
Assessor de Comunicação Social

**Departamento Estadual de Imprensa
CARLOS ALBERTO DE OLIVEIRA TORRES**
Diretor-Geral



O GALO

Nelson Patriota
Editor

Tácito Costa
Redator

Jailton Fonseca
Produção

Colaboraram nesta edição: Carlos Trigueiro, Tassos Lycurgo, Francisco Carvalho, Franco Jasiello, Rômulo Gibson, Afrânio Pires Lemos, Nilson Patriota, Getúlio Araújo, Marcelus Bob e Luís Carlos Guimarães.

Redação: Rua Jundiá, 641, Tirol - Natal-RN - CEP 59020-220 - Tel (084) 221-2938 / 221-0023 - Telefax (084) 221-0345. A editoria de O Galo não se responsabiliza pelos artigos assinados. E-mail do editor: nelson@digi.com.br

O Barlaeus do nosso Instituto

Luís da Câmara Cascudo

Em novembro de 1902, o Dr. Antonio Pereira Simões, engenheiro ilustríssimo, grande bibliófilo, entrava para o Instituto Histórico do Rio Grande do Norte. Como arras à sua recepção, doava alguns livros que não têm preço. Entre eles o volume de Gaspar Van Baerle, publicado em latim, narrando a história dos oito anos de governo de Maurício de Nassau no Nordeste do Brasil. O título é: - *Rerum per octennium in Brasilia et alibi nuper gestarum sub, praefectura illustrissimi Cimitis I. Mavritii Nasovieae*, etc. etc. Tanto é grande o título como inigualável o trabalho.

Varnhagen, tão desdenhoso de comum, afirmava que a latiníssima História dos oito anos de governo de Nassau, por mais que corram os séculos, será sempre um livro importante e digno de consultar-se. É realmente trabalho sólido e claro, com minúcias curiosas de nossa vida, dos indígenas, dos episódios guerreiros e administrativos. De mais a mais, Franz Post ilustrou-o maravilhosamente, com grandes quadros representando paisagens, vistas das terras conquistadas, animais, árvores, figuras humanas. E quatro mapas dizem o limite do conhecimento geográfico holandês no século XVII.

Ficando no Rio Grande do Norte, basta dizer-se que está em *Barlaeus* o nosso primeiro mapa que elucidará muito mistério toponímico. Está a primeira representação da nossa Natal, com sua igreja. Está a fortaleza, imponente. E tudo feito por Franz Post, pintor famosíssimo.

Gaspar van Baerle, em latim *Barlaeus*, nunca esteve no Brasil, mas leu documentação longa e rara. Foi um amigo pessoal de Nassau. Era médico, naturalista, poeta consagrado e um dos

homens mais cultos da época. A obra foi impressa em Amsterdam, no ano de 1647. Em 1648 morria o autor. Mesmo em 1647 um incêndio devorou mais da metade da edição ainda na própria oficina do impressor, Joanes Blaev. O livro, antes de sair ficou com o valor duplicado pela raridade. Há outra edição de 1660 e uma em alemão e outra mais recente, em holandês. A primeira edição, a *princeps*, como dizem os bibliófilos, é rara e cara. Os grandes livreiros de Londres, Maggs Brothers, pediam, há quinze anos, trinta e cinco libras esterlinas por um exemplar de 1647. Era esse, justamente dessa edição, que Pereira Simões oferecera ao nosso Instituto.

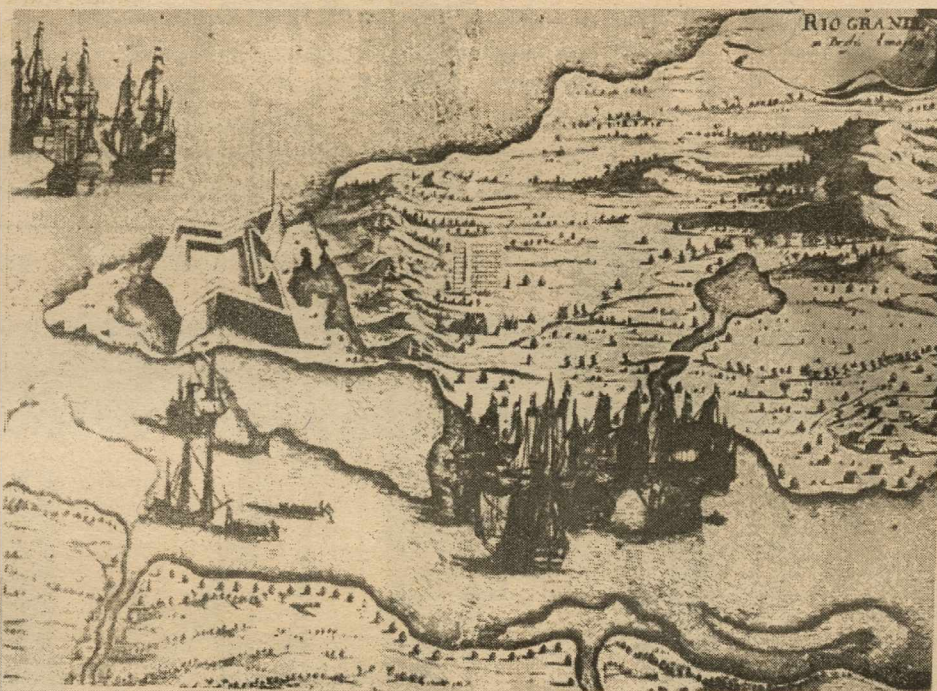
Em 1925 folhiei o volume e tomei várias notas. Em 1934 procurei-o tinha desaparecido. Uma busca completa, feita por vários interessados, demonstrou que o *Barlaeus* não estava no Instituto. Soube que a última pessoa que o consultara fora o cônego Estevão

Dantas. O cônego falecera, doando sua biblioteca ao Seminário. Mons. João da Mata, a meu pedido, rebuscou, livro a livro, a doação. O *Barlaeus* estava perdido. Fiquei obrigado a consultá-lo quando ia ao Rio de Janeiro, lamentando a perda irreparável para o Instituto. Na noite de 27 de fevereiro, deste 1940, andava com o amigo Otacílio Cavalcanti, procurando os mapas que o Barão do Rio Branco reunira num álbum. Queria consultar Arrowsmith. Junto a um tomo das *Ordenações do Reino* estava um cartapácio sem capa, folhas revoltas, machucado. Maquinalmente virei uma página. Era o *Barlaeus*! Quase despenco da escada. Com o livrão (43 por 29 cent.) debaixo do braço voo para casa. Por falta de todas as folhas de rosto não podia indicar a edição. As gravuras, mapas, índices estavam completos. Sabia que a segunda edição, a de 1660, era de 664 páginas e a primeira, a preciosa, tinha apenas 340, por ser maior.

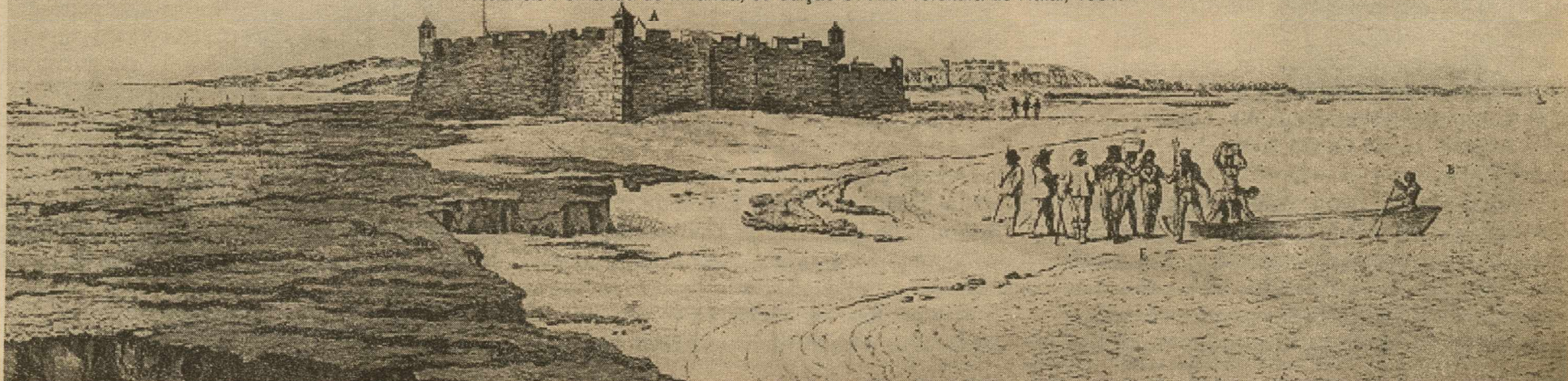
Examinei o volume. Tem 340 páginas. É da edição *princeps*, de 1647, que só a possuem bibliotecas ricas, institutos sábios e bibliófilos com dinheiro farto. E, de vinte em vinte anos, é que aparece um *Barlaeus* para vender, pelo preço quase de um automóvel.

Assim, o nosso Instituto voltou a possuir o *Barlaeus* que brincara de esconder tanto tempo. De minha parte, velho enamorado dos livros (Oliveira Lima como único epitáfio no seu túmulo tem essas palavras: "Aqui jaz um amigo dos livros"). Ainda estou com a incontida alegria do descobrimento. É uma alegria diferente das outras, não é verdade?

(Texto extraído de *O Livro das Velhas Figuras*, vol. VI, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1989).



Gravuras de Franz Post que ilustram as páginas do *Barlaeus*, e reproduzidas no livro *380 anos de História Foto-geográfica da Cidade do Natal, 1599-1979*, de João Maurício Fernando de Miranda, co-edição UFRN/Prefeitura de Natal, 1981.



“BELEZA”

Afranio Pires Lemos

Uma das maiores curiosidades que me restam no mundo de Natal é a total ausência do nome de “Beleza”, no seio das histórias de tipos populares. “Beleza” não aparece em nenhum deles e sua ausência, remete porção de ignorância a um mundo perdido, entre os anos de 1937 e 1938, quando a conheci.

Conheci de vê-la, de saber que ela existia.

“Beleza” era senhora idosa, de seus sessenta anos, que fazia ponto na Praça Padre João Maria. Pequena, curvada sempre ao peso dos desenganos, vivia sentada nos meios-fios que lhe legitimavam a posse do território e nos canteiros da praça, onde fícus-benjamim brilhavam com força de embelezar, sempre, as cidades do Brasil.

Como de costume, Natal se via cheia deles, até aparecer, na década de sessenta, a peste dos “lacerdinhos”, e se haver mandar cortá-los e substituí-los por árvores outras. E Agnelo teve essa missão aqui na terra. Cortou-os todos, deixando só os que Cícero enfermeiro não os deixou cortar, como os em frente a sua casa, amarrando-se no tronco e criando rebuliço histórico, no livro das ações ecológicas sabiamente escritas, na cidade.

Voltando à “Beleza”. Cadê ela? Quem lhe diz uma letra? Veríssimo nem Cascudo disseram. Gutemberg, que agora escreve livro sobre figuras populares do Estado, não sei se falará, pois o livro ainda não veio à lume. Vai ver, ele pega um gancho, com estas palavras!

Olavo, como historiador, nunca se deteve em tipos populares. Deifilo, que os estuda e tem, inclusive, pacote com mais de mil nomes de tipos populares de Natal e do Estado, e nos promete publicar, quando Deus for servido, também, não lhe deu. Melquíades jamais lhe mencionou o nome. Itamar, nem pensar. Então, quem foi “Beleza”?

Já disse. Foi uma pobre mulher, arquejada sob o peso dos anos, vestindo quase sempre vestido branco, com bolinhas pretas e que parecia não se sujar, apesar dela viver por ali, sentada nos meios-fios, nos canteiros rudes da praça. E sempre vestida de branco e sem máculas zombeteiras, frequentar a Praça Padre

João Maria. De ponta a ponta, entre 37 e 38, pelo menos, ela era conhecida ali.

Vivia ora na ponta de cá, perto da Escola do Comércio do Professor Ulisses, ora pelo meio, rezando direto para o santo padre João Maria e, muitas vezes, ali por trás da Catedral, que naquele tempo nem era velha nem nova, e era só a Catedral, havendo promessa de um dia, construir-se catedral

no final da década de 30 e que passando o dia na praça, chovesse ou fizesse sol, lá permanecia, suplicando esmolinha pelo amor de Deus, e ouvindo o “perdoe” geral de transeuntes. Deve ter sido por isso que ela desistiu. A maioria não lhe dava nada.

A maioria era menino sem futuro, igual a mim, que passava, lhe olhava, lhe examinava, achava-a feia e se intrigava por que a chamavam de “Beleza”, se por isso mesmo ou se por alguma outra razão submersa em chacota. E ficava com medo, não lhe fitava quando nos olhava e não entrava no mundo de seus desenganos, para descobrir quem seria “Beleza” e para que ela passava o dia por ali, pedindo, e poucos incomodar.

Só há uma explicação lógica, para hoje se ignorar “Beleza”. A vida de “Beleza” e sua passagem pela Praça Padre João Maria. É que talvez ela não fosse um tipo popular, na suntuosidade do terno e grandeza do apodo.

Talvez, “Beleza” fosse apenas tipo localizado. Tipo atípico. Tipo residual. Tipo encravado de pessoas que só vivem num canto, sem ditos, estripulias ou faniquito. Não serem conhecidas noutros cantos e, mesmo a cidade não sendo tão grande, o miolo que sobra não lhe toma conhecimento, e só os que por ali transitam ou moram, sabem-lhe do destino e da existência. É só como pode.

“Beleza”, que não tinha nada de bela e como velha senhora, tinha valia duvidosa, tem hoje nessa crônica, singela entronização no mundo da poesia natalense. Viverá agora, talvez, forçando até alguém se lembrar dela. E será só uma saudade, triste lembrança de velha que passava o dia inteiro na Praça Padre João Maria, em 37/38, e nem pôde gravar seu nome na história dos tipos populares, muito menos, ganhar a simpatia dos que vieram depois, na pressa da guerra, na agonia do fim da guerra, na alegria dos carnavais que se seguiram e no começo da Natal que

crescia até Ponte Velha, e passava do Alecrim.

“Beleza”, da praça, como seria o seu nome? Quantos tostões você conseguiu para pegar o birinaite de cada dia, os cafés de todo dia, a bolacha e o sal de todo dia?

Afranio Pires Lemos é jornalista, cronista e poeta norte-rio-grandense.



nova e bonita, já prometera o dito padre, no começo do século. E desenhos houve. E mais de um.

Restou a de hoje, que já está precisando de limpeza por fora e por cima, para resplandecer em maior beleza.

E “Beleza”, falar nisso? Quem era?

Senhora que vivia ali pela Praça Padre João Maria,

O mar visto do monte

Umberto Peregrino

Há dias em que sinto saudade da luz dos dias de sol em Natal, saudade do rumor noturno que vem do mar, em perpétuo embate com a muralha negra e lustrosa dos arrecifes que guarnecem toda a praia ao longe.

Há dias em que desejo imensamente rever aquelas dunas de areias alvas e macias, dias em que meus olhos reclamam a paisagem do rio Potengi visto do patamar da igreja do Rosário.

Outras vezes tenho saudades do perfume dos cajueiros em flor ou do antigo silêncio daquelas imensas avenidas e cuja margem elas viçavam, agrupados em sítios tão pobres quanto pitorescos.

Tenho saudades do Baldo, quando existia uma concorrida lagoa, em que lavadeiras lavavam roupa e homens banhavam cavalos. Tenho saudades do mar, que eu avistava do Monte, um mar infinito e o misterioso povoado de navios orgulhosos, que cruzavam ao longe, muito ao longe, perfis vagos, muitas vezes simples sombras esbatidas no horizonte...

Amo a minha cidade como a conheci e, ainda hoje, quando volta a ela, vou visitar comovidamente recanto por recanto da minha saudade. Cada manhã me destino em determinada direção e caminho devagar, à-toa, indo e vindo, estaco e avanço, espio por cima dos muros (desculpem o feio hábito), falo sozinho, rio sozinho, entristeço-me, é possível que gesticule, talvez pareça um sonâmbulo... Mas, é assim, feito sonâmbulo, maluco, o que quiserem chamar, que visito cada recanto da minha saudade em Natal.

Não deixo, por exemplo, de ir ao Passo da Pátria, aliás para entristecer-me, porque o que resta daquele ponto de canoas, do tempo em que o rio Potengi era estrada comercial, é apenas imunda e melancólica ruína...

Tão pouco deixo de visitar o Largo da igreja do Rosário, outro sítio da minha predileção. Visito-o pontualmente para olhar, do pedestal do Cruzeiro, à distância, o movimento do porto e, perto, o pátio de manobras da Estrada de Ferro, duas atividades que me encantavam.

Recordo também os circos de cavalinhos que ali se instalavam e cujos espetáculos eram anunciados pelo palhaço que percorria a cidade escanchado, às avessas, num burrinho e apregoando a hora da função e outros informes em tom jocoso, tudo glosado pelo coro de animadíssima molecada que o acompanhava para minha desesperada inveja.

Devo confessar que houve uma das minhas visitas a Natal em que me senti meio preguiçoso. Deixei-me ficar menos ativo, menos andejo. A explicação está

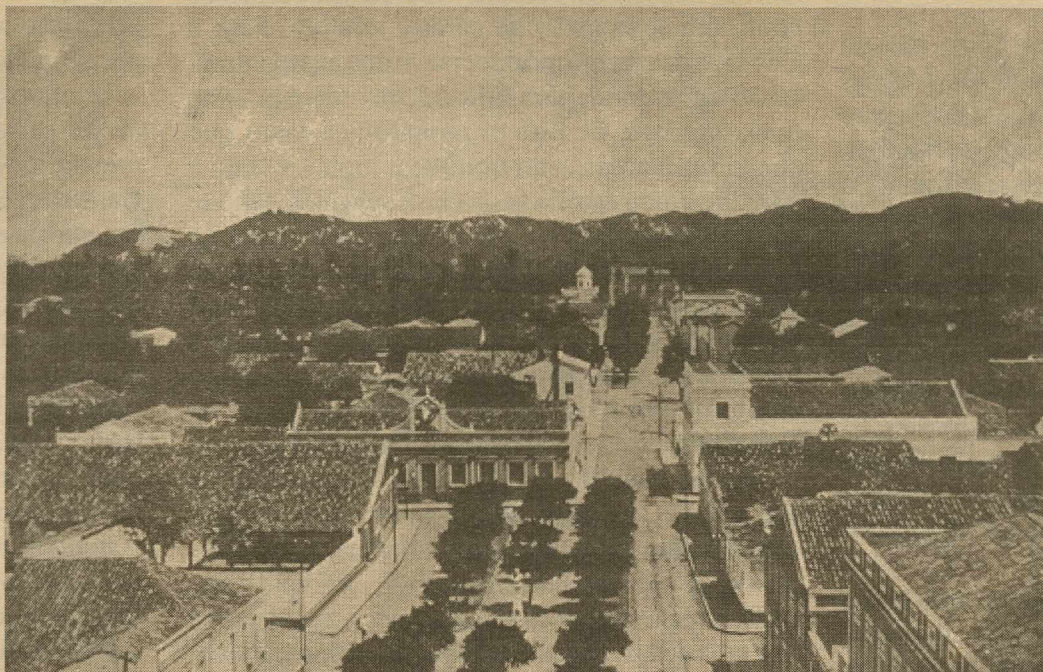


Foto do início do século onde se divisa a Praça Padre João Maria, vendo-se ao fundo os morros

em que estava hospedado num dos Apartamentos do Hospital Miguel Couto. Era essa, no período anterior à construção do "Hotel dos Reis Magos", a melhor hospedagem em Natal. O caso é que o Grande Hotel, construído pelo Estado, inutilizou-se entregue a um figurão político que o fez funcionar ao padrão de hospedaria do interior. Foi por isso que a Direção do "Hospital" onde havia excelentes apartamentos, concordou em abrigar alguns hóspedes especiais. Mas, como a solução desse certo, inclusive para o Hospital, que acrescentou a sua receita, a hospedagem excepcional se tornou rotineira. Mais um andar de apartamentos foi construído, e quem vinha a Natal e desejava algum conforto, em ambiente de

ordem e agrado, buscava as instalações do "Miguel Couto".

Além das instalações confortáveis e do tratamento excelente, aos cuidados das Irmãs de Santana, aquela hospedagem singular tinha a vantagem da situação, pois o Hospital está localizado no ponto mais bonito de Natal, o Monte, como se chamava antigamente.

E foi assim que me vi alojado num apartamento através de cujas janelas se desdobrava a paisagem da minha paixão juvenil, o amplo misterioso mar que se avista do Monte, o Forte dos Reis Magos eterno, eterno, o estuário azul do Potengi, as areias e o verde distante do coqueiral de Genipabu,

Era custoso desprender-me da minha janela... Quantos anos, desde menino, sonhara com uma oportunidade assim, sonhara morar ali, ali viver ao menos uns dias, até faltar-me de olhar o mar visto do Monte...

À noite, quando o vento incansável assoviava, forçando passagem pelas gretas da janela, eu tinha a sensação de que se a morte chegasse naquele instante eu a receberia feliz, porque me colhia em estado de graça, em patética integração com a natureza que mais tenho amado na vida.

(Extraído de *Crônica de uma cidade chamada Natal*, de Umberto Peregrino. Clima Editora, Natal, 1989)



Praça André de Albuquerque, em primeiro plano, vendo-se ao fundo a boca da barra do Rio Potengi e o mar

Para os Cavalos, o Inglês?

Tassos Lycurgo

É dito afamado, cujo autor foge-me da reminiscência, que as línguas, em geral, têm funções específicas. Segundo o dito, o alemão serviria para os militares; o francês, para os letrados; o espanhol, para o povo; e o inglês... Bem, disse o fulano, o mesmo do olvidado nome, que o inglês serviria para os cavalos. Não me é, contudo, o presente desígnio a consonância ou discórdia com o referido autor do dito, mas sim, a clarificação da idéia de que afirmações como a dele devem, de uma forma ou de outra, mas sempre com o mesmo intuito dos andrajões da veracidade, serem ligadas a fatos históricos. E, mais que isto, aqui lhes darei coerente noção de onde não possa ter fundamento o dito de que a língua inglesa, pelo menos como um todo, seja a língua dos cavalos.

Assim como os filhotes da suçuarana, certas idéias já nascem com manchas escuras no corpo. Prelúdio, quicá, da caligem ou pretura que se configurarão as concatenações que as suçuaranas filhotes assim como as idéias farão no tempo de suas existências. À parte as especulações de caráter geral, um dado exato pode ser apreciado: a idéia da qual falo a respeito tem nascedouro conhecido, isto é, nasceu em Hastings, cidade inglesa e portuária... Corrijo-me: cidade falida e, pode-se dizer, ainda portuária. Lá, encontram-se velhos pescadores que amam seus cães e cervejas, mas não suas esposas; senhoras corcundas que passeiam pela orla, sempre empurrando carrinhos de bebê, sem bebês, mas com bonecas de brinquedo; e rapazes morosos, donos de bermudas que vão dos joelhos até bem acima da cintura, e que passam horas nas livrarias, olhando o mesmo livro, a mesma página, a mesma figura... Há em Hastings um castelo, importante historicamente, mas transformado em ruínas pelo castigo do tempo e artimanha da fatalidade: metade dele despencou no mar. Existe ainda, como há em várias cidades marítimas da Inglaterra, um píer, contudo, no de Hastings, construíram uma boate, obstruindo, desta feita, um desfrute mais livre das facilidades portuárias que poderia ele oferecer. Hastings é assim, lugar que parou na história, e, para não morrer no presente, vive do passado. Além disso, no malabarismo crônico que aqui se apresenta, o tempo muda e o ano corrente passa a querer parecer-se com o mais nobre de outrora, mais especificamente, o de 1066, ano da Batalha de Hastings, uma das mais importantes da história inglesa.

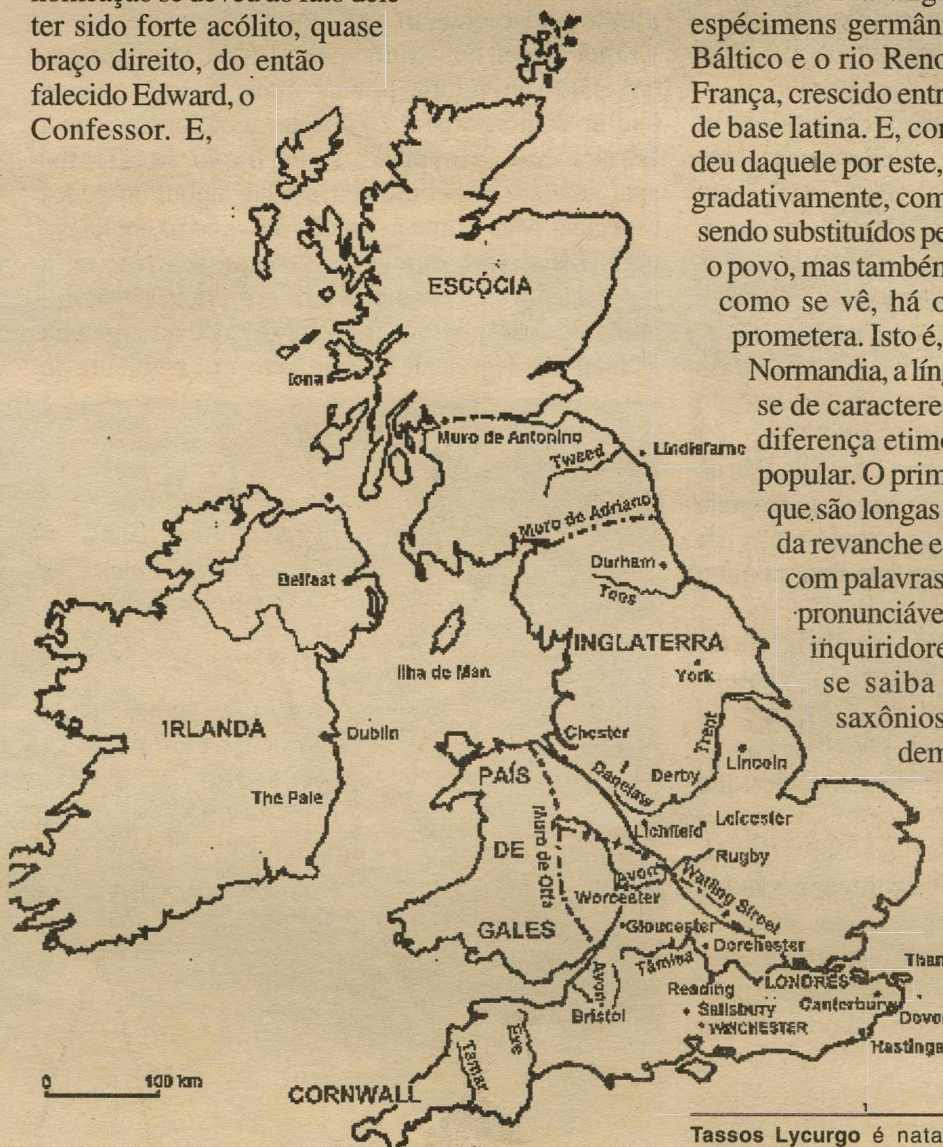
Assim como o Cubas, Edward, o Confessor, não teve filhos. Não que algumas das boas qualidades este não as tivesse. Ele as tinha – hei ainda de dizê-lo – com um quê de veemência, como também, as mesmas boas qualidades, têm-nas, por exemplo, as flores de uma planta. Entretanto, no fito do mesmo cotejo, se Edward, por suas qualidades, era comparável às flores de uma planta, estas flores,

não há dúvidas, seriam como as acarpanteses, que não dão frutos. Não obstante, a ausência de rebentos configura-se questão de caráter relativo. Para o Cubas, é de arranjo teórico; para uma acarpantese, de caráter natural; para Edward, de ordem prática, mais que isto, de ordem monárquica visto que concernia a acessão ao trono real inglês. O fato é que, diferentemente da ausência de rebentos, a morte não é relativa: flores, Cubas e reis morrem. Desta feita, com a morte de Edward, o Confessor, o trono inglês ficou vazio. E, assim como três parece ser o número de palmos que formam uma só alna, três foram os homens que declamaram para si mesmos o direito de um só trono: Harald Hardrada, rei da Noruega; Harold II e William da Normandia.

Não obstante, há – e como as há! – equivalências que não se realizam. Nesta bitola, três palmos continuaram somando uma só alna e três reis potenciais não somaram um só trono. À frente disto, a relação equívaleu-se a uma desavença, a uma intriga ou a uma peleja. Que matemática nos fornece a vida! E, como pelejar é ir à luta, fazer o combate, Harald Hardrada fê-lo em setembro de 1066, em Stamford Bridge, Yorkshire, norte da Inglaterra, contra Harold II, que havia sido nomeado rei daquele país. Sua nomeação se deveu ao fato dele ter sido forte acólito, quase braço direito, do então falecido Edward, o Confessor. E,

na justificativa da última sentença, diz-se que Harold II fora primeiro assessor de Edward, o Confessor, graças ao seu grande servilismo empreendido – peculiaridade dos nobres e necessidade dos plebeus – e ao fato de ter sucedido ao seu pai no condado de Wessex em 1053, o que lhe deu um certo quê de prestígio. Voltando a setembro de 1066, Harald Hardrada perde a batalha e Harold II, orgulhoso por sua vitória e, como dizem os próprios ingleses, tão ébrio quanto um Lorde, volta ao sul da Inglaterra. Lá, seu exército enfrentaria o de William da Normandia, o Conquistador. A batalha de 14 de outubro de 1066 ficaria registrada como uma das mais decisivas batalhas da Inglaterra e conhecida como a Batalha de Hastings. William da Normandia, apoiado pelo papado, derrota Harold II, e é, em 25 de dezembro de 1066, coroado rei da Inglaterra. Harold II, vale ainda dizer, não morreu como um tolo, mas como um guerreiro cujo olho, mas não a honra, fora impiedosamente aflechado, levando-o primeiro à desistência da vida e depois a perda do trono.

Bom seria que a flecha que foi ao olho do rei, apontasse-nos a ligação que há entre o fato histórico, que brevemente se conta, e o dito do primeiro parágrafo. Antes que corramos perigo, explico: Harald II era anglo-saxão, descendente dos espécimens germânicos que viviam entre o mar Báltico e o rio Reno; William da Normandia, na França, crescido entre os normandos, falava língua de base latina. E, como foi dito que a conquista se deu daquele por este, os líderes anglo-saxões foram gradativamente, começando pelo sul da Inglaterra, sendo substituídos pelos normandos. Não só mudou o povo, mas também o caráter da sua língua. Aqui, como se vê, há o prelúdio da ligação que se prometera. Isto é, graças a vitória de William da Normandia, a língua inglesa passou a embriagar-se de caracteres latinos. Hoje, pode-se ver a diferença etimológica entre o inglês culto e popular. O primeiro abusa de palavras latinas, que são longas e expressivas. O último, no afã da revanche e da desforra saxônica, continua com palavras rápidas, pequenas, facilmente pronunciáveis... De qualquer forma, não os inquiridores de admitir que, embora não se saiba se cavalos são latinos ou saxônios, há, como historicamente foi demonstrado, dois tipos de língua inglesa. E, como parece que cavalos não podem falar das duas maneiras, fica provado que inglês não é, pelo menos como um todo, a língua para os equinos.



Tassos Lycurgo é natalense e mestre em filosofia pela universidade de Sussex, Inglaterra.

Tradição poética em Fernando Pessoa

Rômulo Gibson

Em seu trabalho *Tradição e Talento Individual*¹, T. S. Eliot faz referência a uma "concordância entre o velho e o novo", uma junção entre o passado e o presente na qual o poeta, além de viver o seu tempo, revive o passado de modo a que este se torne simultâneo àquele: é o que denomina de *tradição*. Ser *tradicional* é saber-se em seu tempo, em sua época, em sua *Hora*, no dizer de Fernando Pessoa:

"Acontece que a geração a que pertencemos — mercê de razões civilizacionais que seria tão ocioso, tão prolixo, estar a expor — traz consigo uma riqueza de

sensação, uma complexidade de emoção, uma tenuidade e intercruzamento de vibração intelectual, que nenhuma outra geração nasceu possuindo. Veja-se. Sobre uma vida social agitada, diretamente como intelectualmente, pelas complexas conseqüências da irrupção para a prática das idéias da Revolução Francesa, veio cair todo o complexo e confuso estado social resultante da proliferação sempre crescente das indústrias, do enxamear cada vez mais intenso das atividades comerciais modernas. O aumento das facilidades de transporte, o exagero das possibilidades do conforto e da vantagem, o acréscimo vertiginoso dos meios de diversão e de passa-tempo — todas essas circunstâncias, combinadas, interpenetradas agindo quotidianamente, criaram, definiram, um tipo de civilização em que a emoção, a inteligência, a vontade,

participa da rapidez, da instabilidade e da violência das manifestações propriamente, diariamente típicas do estágio civilizacional. Em cada homem moderno há um neurastênico que tem que trabalhar. A tensão nervosa tornou-se um estado normal na maioria dos incluídos na marcha das cousas públicas e sociais. A hiperexcitação passou a ser regra."²

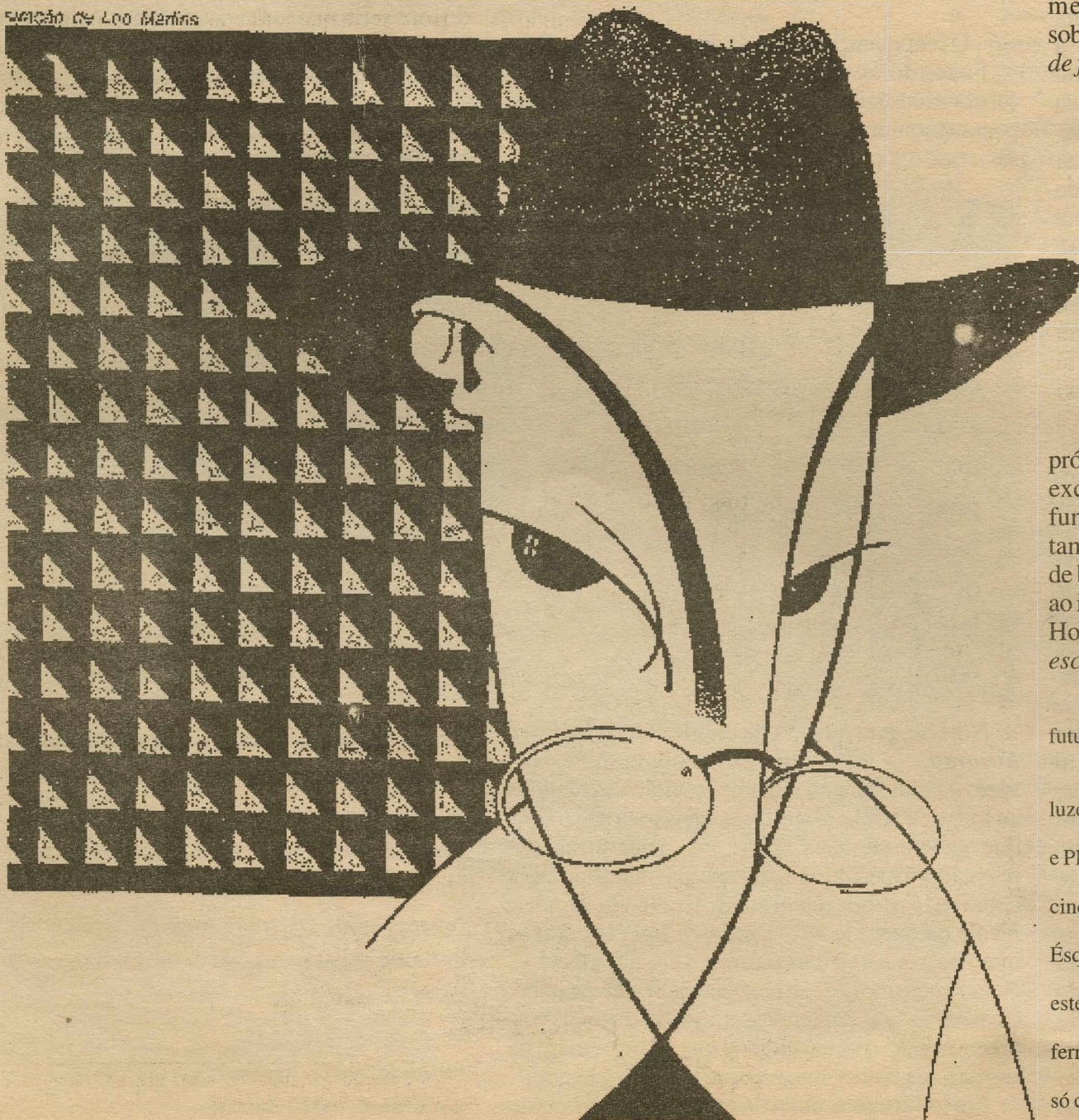
Fernando Pessoa, nesse instante, faz um apanhado do espírito da Europa do começo do século e registra o reflexo desse moderno na alma do novo homem que a modernidade veio a parir em seu ventre de engrenagens e metal dentro do qual, segundo Marx, o homem não passa de um *apêndice de carne*. Mas decerto foi o heterônimo Álvaro de Campos o que melhor sentiu, ou melhor, confundiu-se, sobreexcitadamente com esse momento, essa "*Hora de fogo e treva*" reverberada na *Ode Triunfal*³:

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
Em fúria fora e dentro de mim,
Por todos os meus nervos dissecados fora,
Por todos os papilos fora de tudo com que eu sinto!
Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso
De expressão de todas minhas sensações,
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!]

O espírito do poeta está em confusão com o próprio mecanismo das fábricas, nesse momento de excitação pelo moderno que torna o homem uma função do processo de produção. Eliot afirma também o sentido histórico embutido na *tradição* de busca ao passado (erudição) para unir o temporal ao intemporal e compor um instante sincrônico, uma Hora, e "(...) a Hora é de assombros, e toda ela escombros dela..."⁴:

Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,
Porque o presente é todo o passado e todo o futuro,
E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes elétricas
Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,
E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinquenta,
Átomos que hão de ir ter febre para o cérebro de Ésquilo do século cem,
Andam por estas correias de transmissão e por estes êmbolos e por estes volantes,
Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,
Fazendo-me um excesso de carícias ao corpo numa só carícia à alma.⁵

SWAÇÃO DE LEO MARINA



O agitado presente europeu do início do século XX mantém certas peculiaridades com a Grécia antiga:

"Com a possível exceção da romana, nenhuma grande cultura da antiguidade sugere o espírito da idade moderna tão claramente quanto a civilização helenística. Nela, tal como no mundo do século XX, encontrava-se uma considerável variedade de formas de governo, o desenvolvimento do militarismo e uma tendência no sentido autoritário. Muitos fatos econômicos e sociais que caracterizaram a era helenística lembram também a experiência contemporânea: o crescimento dos grandes negócios, a expansão do comércio, a ânsia de exploração e descobertas, o interesse pela tecnologia, o crescimento das cidades, com áreas congestionadas, e a ampliação do hiato entre ricos e pobres. No domínio do intelecto e da arte, a civilização helenística mostrou também uma feição distintamente moderna. Exemplos disso são a ênfase dada à ciência, a estreita especialização dos estudos, o pendor para o realismo e o naturalismo, a vasta produção de literatura medíocre e a popularidade do misticismo, lado a lado com o extremo ceticismo e a descrença dogmática."⁶

Às civilizações grega e romana retornou Fernando Pessoa na sua *Prolegômena*⁷ sobre o sensacionismo nas quais era preconizado o reino do objeto, isto é, o objeto ou sentimento surtia no observador uma sensação imediata e vivida. Entre o objeto e a sensação interpunha-se o sentimento, havia uma ausência do vago, do indeciso, da penumbra: a decomposição do real era feita sob a luz. A arte era, portanto, equilibrada e harmônica — reflexo da interação do homem com a Natureza. Entretanto, com a "doença denominada Cristianismo", houve uma perturbação da clareza das sensações, no dizer de Pessoa. Essas nebulosidades eram as idéias de espírito, idéias de Deus, de outra vida. Interpôs-se entre o objeto e a sensação um mundo de noções espirituais, interpôs-se a reflexão, a realidade passou a ser percebida de maneira turva, desvirtuada. Surgiu uma nova decomposição da realidade — um esmiuçamento, uma procura de vestígios do mundo espiritual para compreendê-lo, almejá-lo — a Natureza passa a ser concebida como sendo Deus. Aparece a noção de alma, diferente do corpo, superior ao corpo, deprecia-se o "espírito" das coisas.

O Sensacionismo, segundo Pessoa, derivaria do Simbolismo francês, do Panteísmo Transcendentalista e do Futuro-Cubismo. Do Simbolismo francês o Sensacionismo acolheria a excessiva atenção às sensações, a preocupação com o tédio, com a apatia, a renúncia ao elementar e ao são, além da análise mórbida e devassadora das sensações; quanto ao Panteísmo Transcendentalista, a carne e o espírito formariam um amálgama que transcenderia a ambos: na poesia, o espírito e a matéria seriam interpenetrados e inter-relacionados; no que se refere ao Futurismo e ao Cubismo, ao invés do Sensacionismo deter a atenção nas coisas, como é peculiar a esses movimentos, deter-se-ia nas *sensações das coisas*. Percebe-se como a teoria sensacionista pessoana está em plena concordância com os movimentos de vanguarda europeus do início do século XX. Ora, o Sensacionismo possuía uma atitude enquanto arte, pois, um objeto ou sentimento surtiria uma sensação que provocaria uma sugestão

na consciência do artista; com a produção do objeto artístico e sua conseqüente leitura pelo outro, surgiria uma gama de sensações multiplicadas; todo este conjunto constituiria um corpus orgânico vivo: "um poema é um animal", no dizer de Aristóteles. O Sensacionismo é uma decomposição da realidade em seus elementos geométricos, tal qual é feito no Cubismo, só que em seus elementos geométricos *psíquicos* e acarreta no homem um aumento na sua autoconsciência tendo em vista as sucessivas abstrações pelas quais a mente humana decompõe o objeto ou sentimento. É o que Pessoa denomina de Interseccionismo, ou seja, toda sensação é realmente várias sensações misturadas; sendo a sensação um cubo, a cada deformação nos seis planos deste cubo, corresponderia uma deformação da sensação. Os três primeiros planos só seriam vistos todos juntos olhando-se a figura pelo vértice superior direito do cubo. Os demais planos não apareceriam para o observador/leitor. Numerando-se os planos teríamos, pois, segundo evidenciou Pessoa:

- 1 - Sensação do universo exterior;
- 2 - Sensação do objeto que se toma conhecimento naquele momento;
- 3 - Idéias objetivas associadas ao objeto;
- 4 - Idéias subjetivas associadas ao objeto;
- 5 - Temperamento/base mental do ser perceptivo;
- e
- 6 - O fenômeno abstrato da consciência.

Fazendo-se um agrupamento de alguns substantivos similares distribuídos ao longo deste poema monumental que é a *Hora Absurda*⁸, tem-se:

I	II	III	IV
nau	paraíso	coração	desprezo
velas	paisagem	alma	ânsias
escadas	lago	idéia	alegria
andas	prados	sonhos	dor
mar	searas	alma	bondade inversa
praia	píncaros	consciência	angústia
maré	terras		saudade
porto			sentido
leito para naus			lembrança
remos			tédio

Note-se que, quando da confrontação de *Hora Absurda*, os vocábulos utilizados por Pessoa, aproximados semanticamente, estarão distribuídos ao longo de todo o poema. As idéias semelhantes a que se remetem os diferentes vocábulos são resgatadas à medida que o poema vai fluindo no leitor como se fosse um eco distante, mantendo firme na mente de quem lê a formação de imagens que se interpenetram e se inter cruzam, verdadeiros cubos cujas superfícies vão se chocando e se deformando, e esvaziando o conteúdo semântico das palavras preenchendo-o com sentidos que a aproximam da sugestão de outras imagens que povoam o poema.

Em seu artigo *A obra de arte aberta*⁹, Haroldo

de Campos aponta como pilares da moderna criação poética as obras de Mallarmé (especificamente o *Un Coup de Dés*), Ezra Pound, E. E. Cummings e James Joyce.

Nas obras desses autores, verdadeiros pontos cardeais para a criação poética verdadeiramente considerada obra de arte pois imersa em uma tradição literária, observa-se primeiramente um rompimento com a estruturação seqüencial do enredo (início, meio e fim) em benefício de um fluxo perene e circular do material poético. Do mesmo modo que o silêncio funciona como contraponto para o som na música, o espaço em branco funcionará como um *breaking* no fluxo da palavra poética de modo a que o leitor possa navegar por entre os meandros do poema a igualmente construí-lo aqui e ali.

Fernando Pessoa, na *Hora Absurda*, aproveita tais espaços em branco no plano psíquico, ou seja, através da miríade de imagens que sugere ao leitor ao longo da sua escritura poética deixa que se formem, rompendo com a seqüência linear e lógica do poema convencional, lacunas que comporão um espaço dentro do qual se moverão as diversas sensações multiplicadas percebidas pelo leitor ao bel-prazer deste. A obra de arte, verdadeiramente assim considerada, é novidade aspergida de tradição — das obras de autores mortos e criatividade individual do autor. Fernando Pessoa permite, na construção do seu poético, a participação do leitor, mas não de qualquer leitor, apenas o leitor culto.

Rômulo Gibson é Professor Substituto de Teoria da Literatura e Mestrando em Literatura Comparada — UFRN

¹ T. S. Eliot, *Ensaio de Doutrina Crítica*, Guimarães Editores, pp. 21-35.

² Fernando Pessoa, *Obras em Prosa*, Nova Aguilar, p. 436

³ Fernando Pessoa, *O Eu Profundo e os Outros Eus* "Seleção Poética", Nova Fronteira, pp. 200-206.

⁴ Ob. cit., na nota 2.

⁵ Fernando Pessoa, *Ode Triunfal*, in Ob. cit., na nota 3.

⁶ E. M. Burns, *História da Civilização Ocidental*, Editora Globo, p. 138.

⁷ Ob. cit. na nota 2, p. 424.

⁸ Ob. cit. na nota 3, pp. 76-79.

⁹ Haroldo de Campos, *Teoria da Poesia Concreta*,

Tributo a Ernest Hemingway

Franco M. Jasielo

No dia 21 de julho de 1999, Ernest Hemingway, se vivo estivesse, completaria cem anos.

Para os interessados em fama e êxito bastará saber que obteve o Prêmio Pulitzer, em 1952, e o Nobel, em 1954.

Foi considerado, por críticos afoitos e bem comportados, "enfant du siècle", "débauché", alcoólatra, autor de diálogos secamente cínicos e, por críticos atentos, generosos e seriamente empenhados no estudo da palavra escrita – apesar de justas restrições a trechos de algumas de suas obras – a voz literária mais poderosa e sincera da moderna literatura americana.

Apesar de tantas notícias publicadas, verídicas ou não, às quais se juntam estas exíguas notas, nunca se estabeleceu a dimensão humana e de escritor de Ernest Hemingway, herói e vilão das gerações dos dois pós-

guerras deste pobre e imbecil século XX que conseguiu manter algum resto de dignidade e grandeza através de homens pertencentes, pelo menos intelectual e psicologicamente, aos resíduos das grandes tentativas e dos grandes sonhos dos Oitocentos.

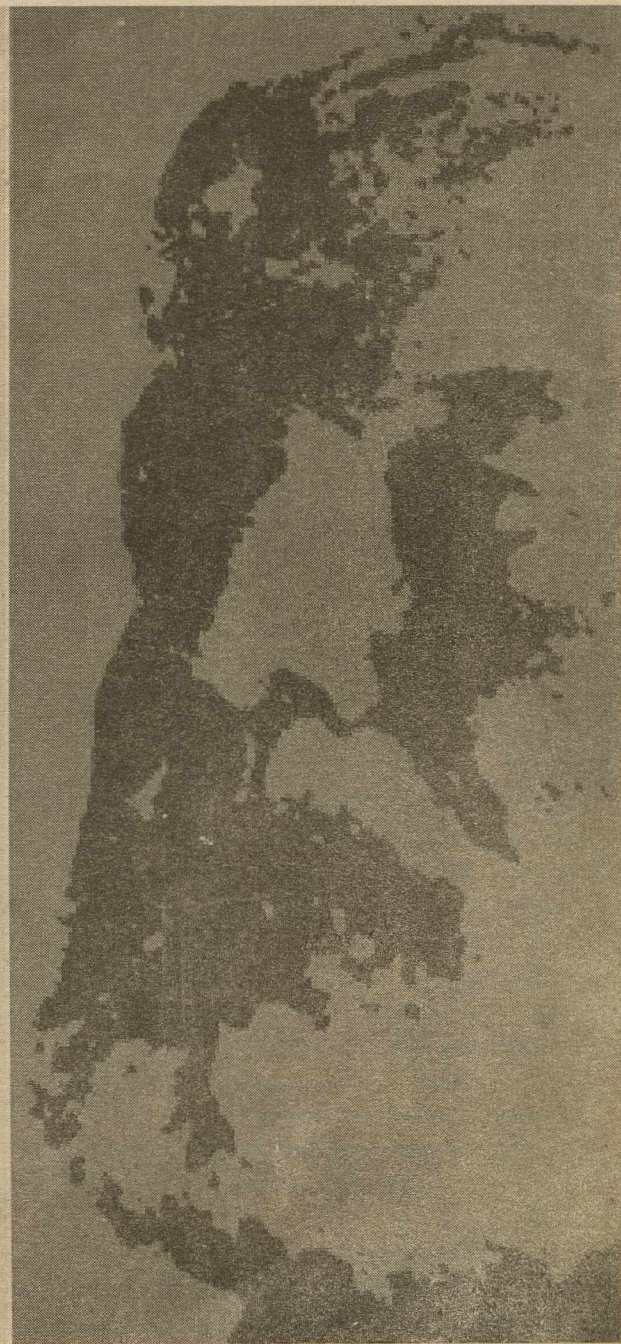
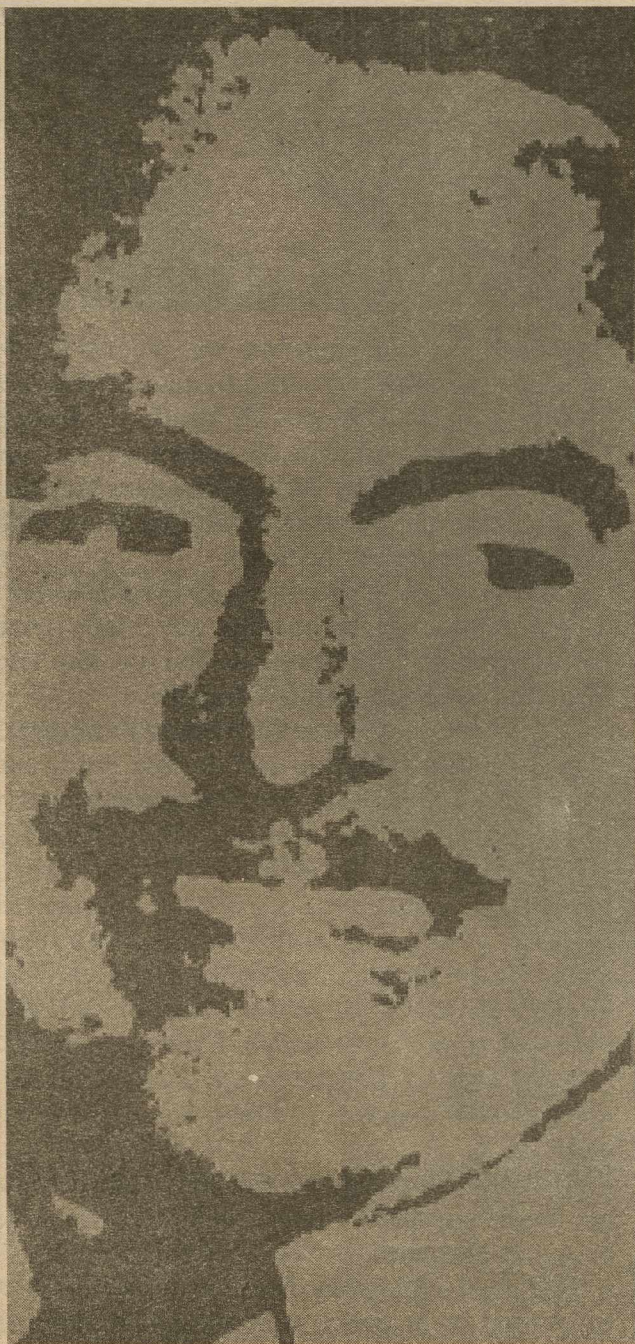
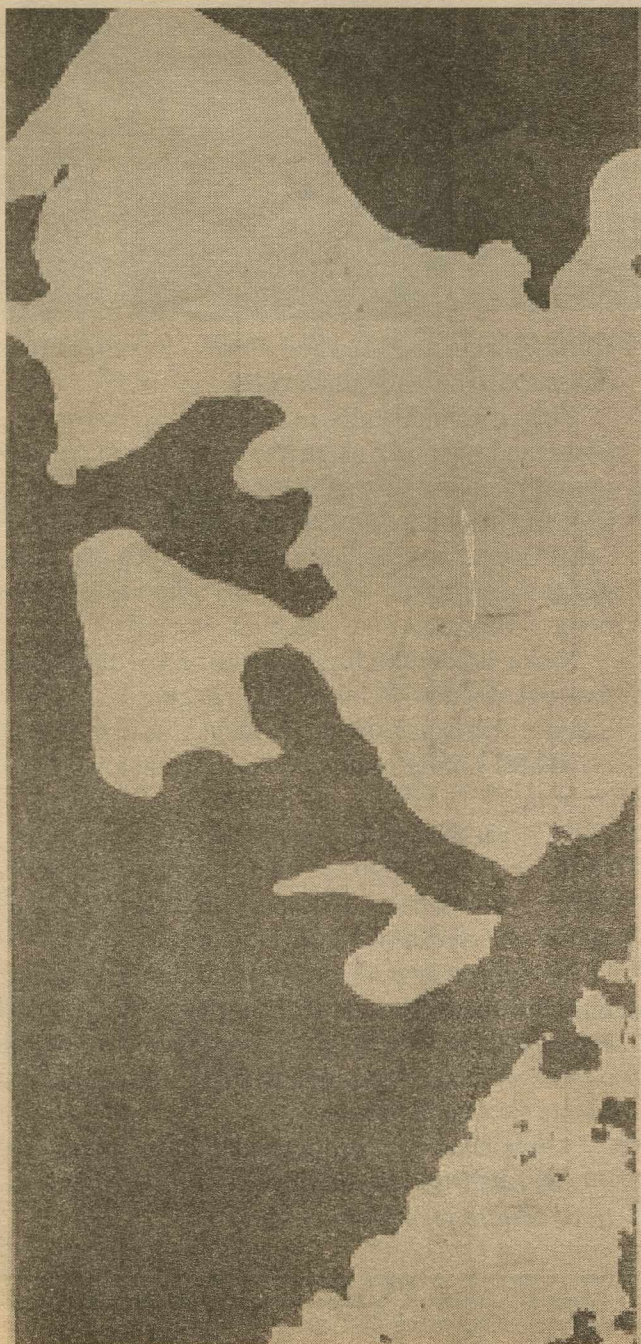
Hemingway pertence à categoria desses homens valentemente agarrados a tais resíduos que resultam na busca, às vezes não tão bem sucedida, de valores definitivos, além das circunstâncias e das imposições cerebrais dos modismos; não por acaso é a Espanha a terra eleita, a pátria de tudo aquilo que simboliza o gosto e o desafio transcendental de viver.

Escreve, a propósito, em **Death in the Afternoon**: "Alguém de sangue inglês escreveu: 'A vida é real; a vida é séria e o túmulo não é sua meta'. Onde o terão sepultado? ... A gente de Castilho tem grande bom senso. Nunca produziria um poeta que escrevesse um verso dessa espécie. Sabe que a morte é uma realidade inevitá-

vel, a única coisa da qual o homem pode ter certeza; a única certeza; transcende todos os confortos modernos... pensa muitíssimo na morte".

Citei esta frase, antes de outras que Hemingway colocou em suas obras como intransferíveis declarações de princípios, porque - de imediato - introduz ao universo desse escritor que se, às vezes, como em **For Whom the Bell Tolls**, tem páginas excessivamente densas de exaltação heróica, chegando ao anticlimax retórico e quase superficial (é o caso da resistência de **El Sordo** ao ataque das forças franquistas e da aviação fascistas), possui, também, no mesmo livro, a exemplar limpidez da descrição da chegada da cavalaria franquista sobre o branco silêncio da neve, entre as árvores dos bosques das montanhas de Castilha, e do tiro de pistola que estilhaça a tranquilidade da cena como se um vitral, de repente, se partisse no entardecer de uma igreja.

No entanto, acima de tudo, Hemingway deve ser



visto como um dos mais sensíveis e possantes contistas de todos os tempos, especialmente se comparado aos anêmicos contistas da melancólica pequena burguesia urbana de nossa atualidade.

As antológicas páginas de **In Our Time**, com suas cenas de pesca, os contos de caça grossa, na África, os diálogos e as descrições dos **toreros**, na Espanha, junto com trechos de **A Farewell to Arms**, **The Sun Also Rises**, **To Have and Have Not** e, finalmente, **For Whom the Bell Tolls**, formam, independentemente de outras obras, um conjunto literário dos mais respeitáveis de todos os tempos, refletindo, somando-se à vitalidade e às aventuras do autor, as constantes leituras dos autores preferidos, principalmente **Joseph Conrad** e **T. E. Lawrence**, o **Lawrence da Arábia**, além, naturalmente, de **Mark Twain** e **Herman Melville**.

Há poucos, básicos, essenciais temas na literatura hemingwayana. Os do amor, da coragem, da derrota e da morte, mas, mesmo assim, protagonista absoluta é, **sempre**, a morte. Na **plaza de toros**, no campo de batalha, no hospital, nas montanhas da Espanha, aos pés do Kilimanjaro, nas palavras de amor, nas de adeus que não são ditas.

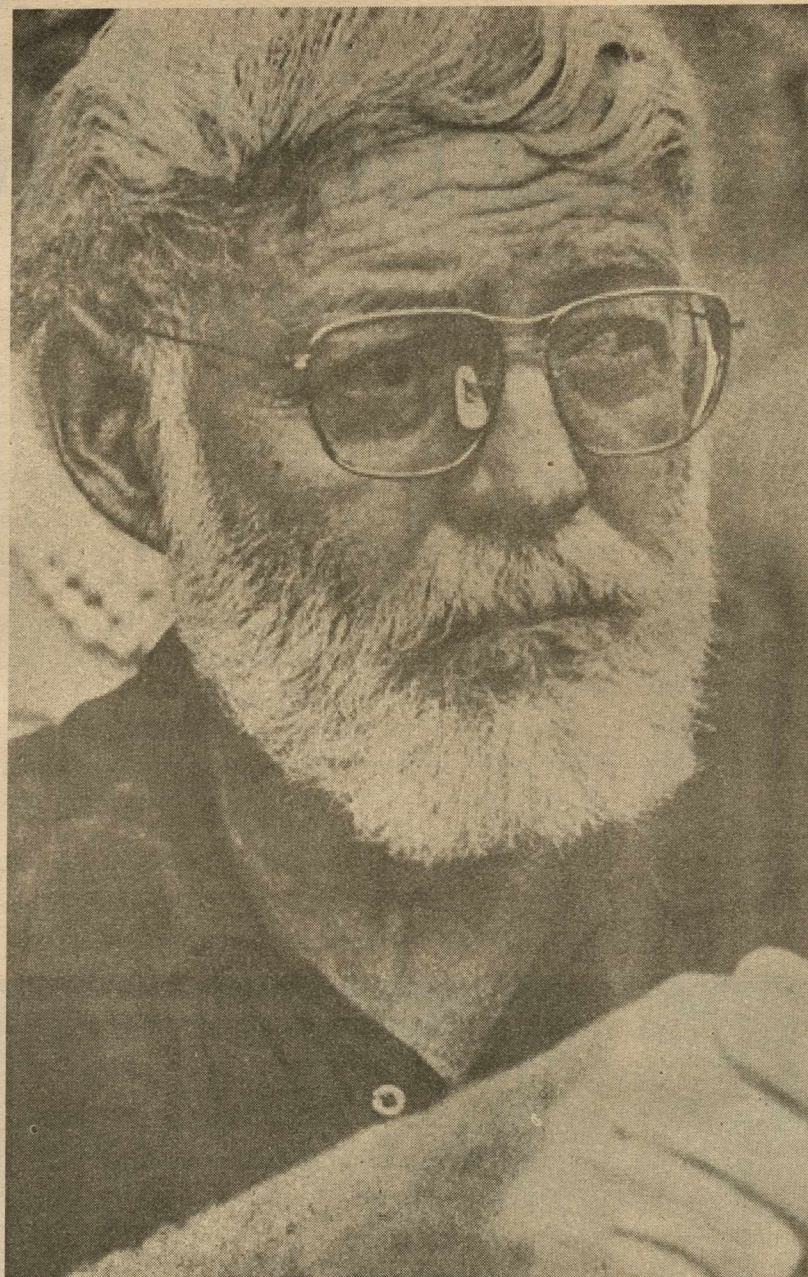
Essa morte que, nas palavras da velha cigana **Pilar**, em **For Whom the Bell Tolls**, é pressentida no odor do corpo do **torero Finito**. O tremendo "**olor de la muerte**", o mesmo do hálito da hiena, em **The Snows of Kilimanjaro**. A mesma morte que dá título a, talvez, a mais bela obra de **Hemingway**: **Death in the Afternoon**, onde o escritor realiza aquela quarta ou quinta dimensão, à qual se refere em **Green Hills of Africa**, em relação à prosa.

Essa morte que está presente na noite de adeus de **Harry Morgan** à mulher, em **To Have and Have Not**; que se deita na cama de hospital de **Gitanillo de Triana**, gangrenando a ferida, aberta pelo corno do touro, e minando sua coragem.

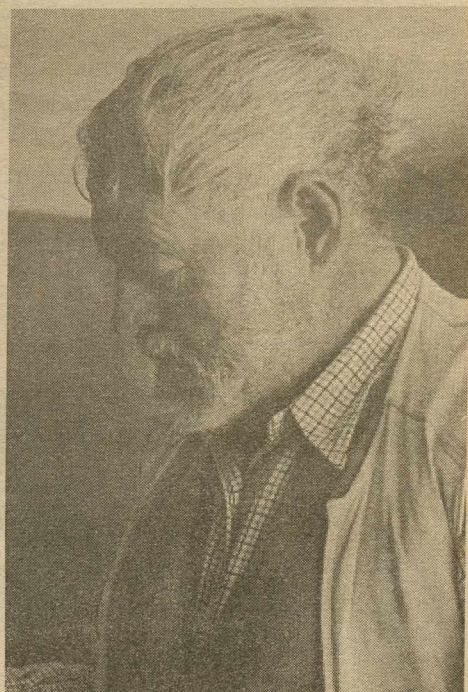
As criaturas literárias de **Hemingway** são vivas pela constante presença da morte. Por isso escreveu, em **Death in the Afternoon**, "*Gente, não personagens construídos com habilidade, deve constar em um romance através da experiência assimilada pelo escritor, de sua cultura, de sua cabeça, de seu coração e de si próprio inteiro*".

Escritor inconformista, **Hemingway** dirige sua simpatia aos derrotados por suas próprias virtudes e pela preponderância das forças adversárias. Exalta o comportamento do franquista **Tenente Berrendo** como aquele do guerrilheiro republicano **El Sordo** porque ambos, em campos opostos, são derrotados por forças invencíveis como, afinal, é invencível a morte. Detesta o público ignorante e exigente das corridas que não compreende o valor do **torero Zurito** que continua sua **faena** apesar de enfraquecido pelas pancadas no peito da parte externa do chifre do touro e, por isso, desmaia na arena e desagrada aos espectadores. Escreve Hemingway: "*Desagradava-me também, mas, por Cristo, como o admirava. Honra demais destrói um homem mais rapidamente que qualquer outra bela qualidade e, com um pouco de má sorte, conseguiu arruinar Zurito em uma estação*".

É, ainda, a morte que acompanha o velho **Santiago** na luta gloriosa e épica com o **marlin**, primeiro e, depois, contra os tubarões, em **The Old Man and**



Fotos mostram diversas fases da vida de Ernest Hemingway, que correspondem a diversas fases de sua carreira literária, ascendente e vitoriosa



the Sea, o livro que, injustamente, é considerado otimista e que se parece com um canto da **Odisséia** homérica, apesar dos ecos de **Youth**, de **Joseph Conrad** e, principalmente, da lembrança, mas não da atmosfera, do **Moby Dick**, de **Herman Melville**.

Há críticos que consideram comparar **Moby Dick** a **The Old Man and the Sea**

equivalente a comparar uma catedral gótica a uma capela. É possível; na medida que **Moby Dick** corresponda a **Notre Dame de Paris** e **The Old Man and the Sea** à **Sainte Chapelle**.

Vale citar o comentário de **William Faulkner**, a respeito de **The Old Man and the Sea**, publicado nos Estados Unidos na revista **Shenandoah** e transcrito por **Carlos Baker** em **ERNEST HEMINGWAY - A LIFE STORY**: "*O tempo provará que esta é a melhor criação singular de qualquer de nós, quer dizer, dêle e dos meus contemporâneos. Desta vez descobriu Deus, um criador.*" E, ainda, "*Louvemos a Deus por qualquer coisa que tenha feito e amado. E que se compadeça e Hemingway, Ele que o impediu de acrescentar uma palavra desnecessária a esta perfeita criação*".

O espaço concedido por este jornal não permite que me alongue neste tributo àquele que foi ídolo de duas gerações perdidas. A de meu pai e a minha.

Recordo **Hemingway**, fisicamente, por tê-lo visto, quando era eu pouco mais que adolescente, no

Caffé Florian, na Praça San Marco, em Veneza, num dia morno e nublado de março.

Fiquei, sentado numa mesa a poucos metros dele, observando-o tomar, alternadamente, gemas cruas de ovo com limão e sal e cálices de gin. Estava só, diante de sua máquina de escrever "**Corona**" que, a intervalos, usava com rapidez, com uma única mão, a direita, e seguindo o texto escrito olhando sobre os óculos colocados quase na ponta do nariz.

Sábia, prudente e timidamente não o importunei, mas não deixei o local até que ele guardasse a máquina e, sem pagar a conta (evidentemente seria paga no **Hotel Gritti**, onde estava hospedado), fosse embora.

Pareceu-me aquilo que me pareciam e me pareciam os livros. Algo prepotentemente, comovedoramente vivo e forte, apesar de uma certa fragilidade que é marca dramática do exercício de viver.

No dia dois de julho de 1961, em Ketchum, Idaho, num domingo, **Ernest Hemingway** encostou sua espingarda **BOSS**, de dois canos, na testa e puxou os dois gatilhos. A espingarda tinha sido cuidadosamente carregada por ele.

Antes disso deve ter pensado na sua frase: "*Todas as histórias que se fazem continuar por bastante tempo terminam em morte*".

Franco M. Jasiello is gatilhos. A espingarda tinha sido cuidadosamente carregada por ele.

“UMA SENSIBILIDADE IRRADIANTE”

“Proclamo-o POETA! Era uma sensibilidade irradiante e de captação infalível. Via quanto passava despercebido aos olhares vulgares e apressados”. É assim que Cascudo define o poeta Luís Patriota, cujo centenário de nascimento transcorre este ano. Nascido numa aldeota de Touros, e onde passou uma infância difícil, mas que, apesar disso, ficou gravada vivamente em sua lembrança, como atestam os dois livros que publico, *Livro d’Alma*, em 1921, e *Poema das Jangadas*, em 1936. Este último, aliás, beneficiário da lei instituída no governo Alberto Maranhão que garantia publicação custeada pelo estado, como consigna o “Parecer” de 3 de agosto de 1936, assinado por Francisco Ivo Cavalcanti, Pe. Luís Monte e Oscar Wanderley, que compunham a comissão responsável pela análise dos trabalhos candidatos a publicação subsidiada. Deixou por realizar dois projetos anunciados: o livro *Coração* (versos), e *Idílio Praiano* (novela). Seus poemas, muitos dos quais foram musicados por Eduardo Medeiros, Abel Viana e Cirilo Gomes, chamam atenção de seus contemporâneos Othoniel Meneses, Sebastião Fernandes, Câmara Cascudo, Ezequiel e Rômulo Wanderley, estes, aliás, o incluem em suas respectivas antologias da poesia norte-rio-grandense, como revela o escritor Nilson Patriota, no ensaio abaixo, que faz o resgate de sua obra.

O Sentimental Poeta de Touros

Nilson Patriota

INFÂNCIA - Tem sido unânime o testemunho daqueles que o conheceram em afirmar que Luís Patriota foi uma criança quieta, ensimesmada, inclinada a longos períodos de contemplação. Diferente de seus amiguinhos, em geral turbulentos, ele era uma criança de gestos comedidos e comportamento silencioso, como que indicativo, já então, do contemplativo que ele viria a ser como poeta deslumbrado com a paisagem litorânea em que nasceu e passou os primeiros anos de sua existência.

Luís Patriota, segundo o testemunho de seus contemporâneos, foi precoce em relação à leitura e ao hábito de escrever. Segundo Ferreira Justino, seu primeiro mestre-escola, lia e escrevia aos cinco anos, coisa esta que constituía motivo de orgulho para seus pais e de admiração para todos, numa época em que as crianças começavam o aprendizado das primeiras letras aos sete anos.

Seu pai, comerciante abastado para o meio em que vivia, era também um homem de grande influência política no município de Touros, pois reconhecido como cidadão de grande valor moral, honrado entre os seus, e muito ligado à educação e à igreja. por suas qualidades de homem probo, voltado para o bem de sua comunidade e da família, gozava do prestígio e da afeição de seus contemporâneos.

Infelizmente, Antônio Ferreira Patriota faleceu muito cedo, duma enfermidade para qual não havia tratamento em sua época: cirrose hepática provocada por virose. Assim, quando o Poeta Luis, o seu

caçula, mal havia completado cinco anos, seu pai se despedia deste mundo com apenas 38 anos de idade, deixando viúva e oito filhos.

O assombro e a densa amargura decorrentes do drama familiar que resultou desse aflitivo acontecimento, refletiu-se de modo traumático sobre a família Patriota, sobretudo em forma de um indescritível vazio, que pairaria muito tempo sobre os órfãos, todos ainda prematuros, e que haveriam de enfrentar, a partir de então, as hostilidades do mundo, contando apenas com a proteção materna. A dramática perda de seu pai, é mais tarde externada, de forma sentidíssima, pelo Poeta, no soneto intitulado “Meu Pai”, dedicado à mana Luíza, e que foi publicado em sua primeira obra impressa, o *Livro D’Alma*, editado em 1922.

Por essa melancólica e pungente lembrança da infância enlutada, podemos aquilatar a incerteza de que foi acometida a sensível alma infantil do menino, o qual em si já trazia os elementos psicológicos que mais tarde darão origem à expressão poética que ele soube cultivar como um verdadeiro mestre, que tanto podia ser parnasiano quanto modernista, pois sua poesia é uma transição entre as duas escolas e dos dois estilos.

Esmagado pela violência da tragédia familiar, ele expressa sua perplexidade e os seus temores; e o faz em forma de apelo e de medo, mas também ao modo da aguda incerteza que lhe rouba a esperança e lhe abate e conturba o espírito por vários anos. E assim agindo, ele canta seu verso numa comovente homenagem ao pai tão cedo ceifado pela morte, mas também num dramático apelo, o qual, mais que uma reunião de estrofes, é um Grito!



1

O GALO

Julho
1999

MEU PAI

*Pequeno, quando a terra tu deixaste,
Nem sei dizer dos traços de teu rosto;
Mal me recordo da hora de um sol-posto
Em que rezando, minhas mãos juntaste.*

*Desde esse tempo aumenta o meu desgosto
Desde que tu, meu pai, me abandonaste
Porque a morte levando-te, levaste
A calma a que eu vivia, outrora, exposto.*

*Assim, sem tua guia, ante os meus passos,
Entre, de olhos vendados, na existência
Cheia de repetidos embaraços...*

*E até hoje, na vida pelo trilho
Escuro, sente a dor de tua ausência
O coração deste teu pobre filho.*

Morre-lhe o pai, e alguns anos depois morre-lhe a mãe. Em 1912, o Poeta, com apenas treze anos de idade, é surpreendido com a morte de sua genitora, e passa a viver sob os cuidados das irmãs Débora e Luíza. É com um pungente sentimento de tristeza que, mais tarde, ele registrará seu estado de espírito dessa época, no soneto *Minha Mãe*, que aparece no rosto do **Livro D'Alma**:

*Qual louco, eu vivo ansioso a procurar-te
Dentro do lar, onde vivemos, santa;
E é tanta a mágoa, a dor é tanta,
Que eu só queria, ao menos, lobrigar-te...*

*Tu fugiste... não sei onde encontrar-te,
Preso à incerteza atroz que me acalanta:
- Se na terra. No céu, na luz que encanta,
Se na treva em que vivo, ou noutra parte.*

*Vibras dentro de mim; vejo-te em sonhos;
Não me foges, visão, do pensamento,
Ouvindo de meu peito os tristes ais...*

*Vem ao mundo acalmar meu ser aflito,
Volta à vida - é demais meu sofrimento;
Ressuscita, mamãe, ouve meu grito!...*

MOCIDADE - Decorrente da perda dos pais, a existência atribulada que o Poeta irá viver a partir de pequenas ocupações, pois logo cedo precisou trabalhar para se manter e estudar. Vindo para Natal ele estuda Música, Língua Portuguesa, História, Matemática. Matricula-se na Escola de Comércio e faz o curso de Contabilidade. Por esse tempo, lê vorazmente tudo o que lhe cai às mãos. Escreve ficção e poesia. A maior parte do dinheiro que ganha como contabilista é gasta na aquisição de livros. Compra-os em Natal e no Recife. Toma-os, por empréstimo, aos amigos. Passa a ensinar em vários estabelecimentos, tanto da capital quanto do interior, principalmente em Lajes, onde é professor da Associação Caixeiral e redige o jornalzinho manuscrito *A Opinião*.

Em 1922 publica o **Livro D'Alma**, com grande repercussão e opiniões favoráveis da crítica provinciana, inclusive do Desembargador Sebastião Fernandes, que o estimula a se tornar advogado. O Poeta torna-se rábula e atua com grande competência no Fórum de Natal e em várias cidades do interior, sobretudo Santa Cruz. Participa da vida literária de Natal, onde frequenta o "Grêmio Literário Ferreira Itajubá", do qual foi orador.

Amigo de Eduardo Medeiros e Cirilo Gomes, músicos como ele, tem por estes várias poesias suas musicadas, entre estas "Macau" e "De Volta a Touros". Em 1935, já como guarda-livros da firma "Ezequiel Mergelino de Souza", sediada em Santa Cruz, publica seu segundo livro de poesia intitulado **Poema das Jangadas**.

Em 1940, já novamente residindo em Natal, Luís Patriota colabora nos jornais e revistas da época. Com Manoel Rodrigues, Veríssimo de Melo, Câmara Cascudo e outros, funda **Bando e Cactos**, entre outras. Aventura-se pela ficção e escreve a novela **Idílio Praiano**, que não chega a publicar.

No livro **Poema das Jangadas**, Luís Patriota maravilha-se com a paisagem tourense, por ele magistralmente descrita em sínteses poéticas simples e belas, como o fez em "Luar de Touros":

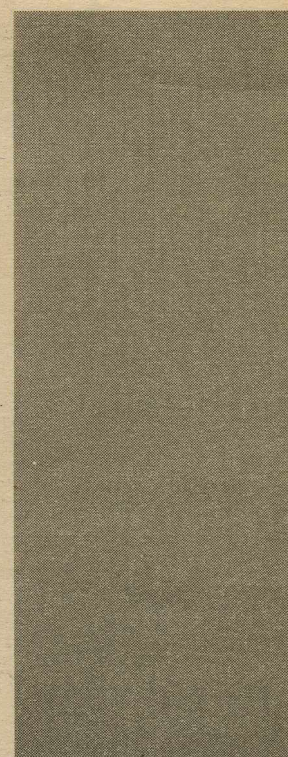
LUAR DE TOUROS

*Por entre as palmas verdes dos coqueiros,
que embastecem a orla alvíssima da praia
e as duas margens do rio que serpeia
circunvagando a vila,
a lua cheia
coando-se, magnífica, se espraia,
docemente tranqüila,
cobrindo a terra de esplendores feiticeiros...*

*À ação do luar
transbordando em cascata
de pérola, marfim e o mais puro diamante,
a praia e as dunas, - tudo é um só montão de prata,
deixado por algum desconhecido viajante
sob a guarda do mar.*

*Refletindo-se na praia emoldurada
pela alva renda de espumas,
ao longo das enseadas remansosas
- o luar, com uma doçura imaculada,
branqueja em setinosas
ondas de lindas plumas...*

*E as palhoças gentis dos pescadores
em meio às dunas dominantes,
uma aqui, outra ali, e várias outras mais distantes,
e todas cheias de graça e de obscuros amores,
são mágicos tesouros,
- moldura cor de cinza, que enaltece
o panorama ideal, que se nos oferece
com o luar de TOUROS.*



Segundo livro de Luís Patriota, *Poema das Jangadas* reflete o olhar do poeta sobre a paisagem da infância

Luís Patriota, o poeta das jangadas

Manoel Rodrigues de Melo

Conheci Luís Patriota através do livro *Poetas do Rio Grande do Norte*, de Ezequiel Wanderley, em 1925. Em 1929, quando cheguei em Natal, o conheci pessoalmente, e fizemos amizade que durou ao longo de sua vida até à morte. Em 1932, ele, morando em Santa Cruz, fundou o jornal "O Trairi", do qual era diretor ou redator, não lembro bem.

Já em 1949, quando fundamos o grupo literário "Bandoleirismo", que tinha por órgão de publicidade a revista "Bando", Luís Patriota passou a figurar entre os principais elementos do grupo. Uma ocasião, em conversa com ele, falou-me que vivera durante um certo tempo no interior de Pernambuco, onde fez amizade

com vários intelectuais, tomando parte em tertúlias literárias e colaborando em jornais do interior pernambucano. Luís Patriota publicou dois livros de poesia, "Livro d'Alma" e "Poema das Jangadas". Era um excelente poeta bem como jornalista e filólogo, tendo mantido algumas vezes polêmicas de Português com intelectuais do Rio Grande do Norte.

Como pessoa humana era um excelente amigo e companheiro (não porque tenha morrido) mas sim porque era do seu próprio temperamento de homem bom e sempre amorável. Sei que ele exerceu aqui em Natal o cargo de Secretário da Junta Comercial durante vários anos, além de ser contador provisionado de grande projeção no Estado.

Conheci-o muito de perto e com ele convivi vários anos, motivo pelo qual me

sinto bem em dar esse depoimento sobre sua obra e sua vida. Foi como disse antes, excelente intelectual e sobretudo poeta, merecendo que lhe publiquem a obra não apenas em livro, mas derrada em jornais e revistas da província.

Patriota pertencia à Academia Potiguar de letras, ocupando a cadeira "Ferreira Itajubá", a quem ele muito admirava e cujo discurso no dia de sua posse constitui um hino de louvor ao talento do grande poeta Ferreira Itajubá.

Com Luís Patriota fiz a revisão do livro "História e Natureza do Rio Grande do Norte", do fotógrafo e cinegrafista João Alves, sendo ele o autor da orelha do referido livro.

(Extraído do jornal "A República", de 26 de novembro de 1978)

2

O GALO

Julho
1999

Luar de TOUROS! Ah! Quem me dera ser pintor,
para fixar na tela o encanto e a poesia
que de ti provêm!
Luar todo esplendor!
Luar todo magia,
sem par na sedução e na beleza!
Luar de mil facetas estelares,
que afirma e que sustém
dentre os outros luas
a máxima inspiração da natureza.

Em "Lagoa do Fogo", "O Manguê", "A Ponta do Tourinho", o Poeta continua pintando aquarelas...

"Lagoa do Fogo":

Não há dúvida que és, dentre os encantos
de que foram dotadas nossas terras,
do alvor das praias ao azular das serras
mais belo e sadio dos recantos.

Os esplendores naturais que encerras
sob este céu puríssimo, são tantos,
que aos mais ardentes e inspirados cantos
com os teus quadros bucólicos aterra...

O espelho de cristal das tuas águas
de tão limpo, parece-nos copiar
não só a imagem, mas as próprias mágoas...

E entre estes morros e árvores, inserto,
dir-se-ia o teu lençol d'água a ondular
um lindo oásis no areal deserto...

"O Manguê":

Sob as ramagens dos guajiruzeiros
e dos cheirosos cajueiros
que se estendem folhudos pelo chão,
serpeia o "Manguê"... e as suas águas cristalinas,
trêmulas e finas,
lentamente, vão
beijando a branca areia dos outeiros...

Quer chegue o inverno, transbordando rios,
enchendo várzeas, fecundando terra,
ou ressurja o verão (do vale à serra
tudo agora é luz e som pela devesa...)
eis que o "Manguê", à estação mais alegre e mais quente,
permanece alheado, indiferente,
à mutações da própria natureza.

E quando nas estiagens prolongadas,
à inclemência do sol, deste sol do Nordeste,
a terra, de norte a sul, de leste a oeste,
agoniza

em convulsões entrecortadas
de revolta e de mágoa,
"Manguê", lá no meio do arvoredo,
que ao seu espelho de cristal doura e matiza,
resiste a tudo, silenciosos e quedo,
e nada lhe vence a persistência da água.

Por tanta poesia e encanto que lhe encerra,
desprendidos a jorros,
o "Manguê" é uma paisagem bíblica entre as árvores e os
morros
de minha terra!

"A Ponta do Tourinho":

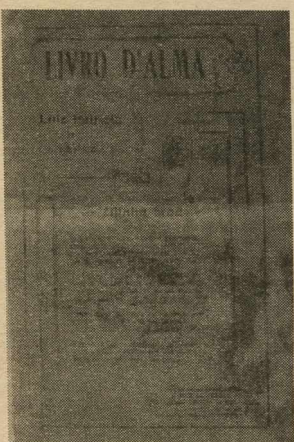
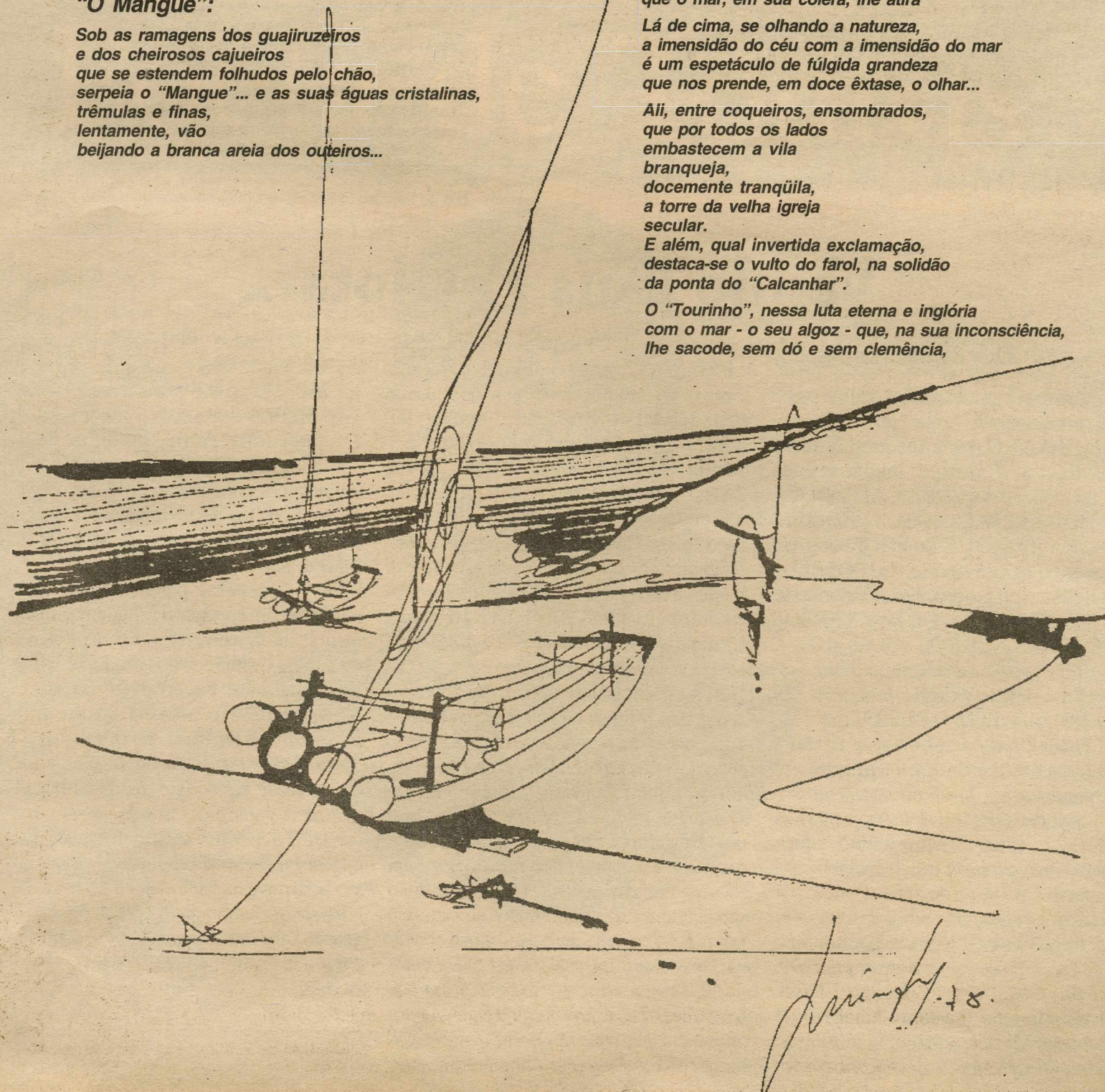
Dominando a enseada,
de onde o mais lindo quadro se admira,
desde as tonalidades da alvorada
às nuances de ouro e púrpura do poente,
O "Tourinho", qual gigante, sem sentidos,
vive, há séculos, alheio, indiferente,
às convulsões, blasfêmias e gemidos
que o mar, em sua cólera, lhe atira

Lá de cima, se olhando a natureza,
a imensidão do céu com a imensidão do mar
é um espetáculo de fúlgida grandeza
que nos prende, em doce êxtase, o olhar...

Aii, entre coqueiros, ensombrados,
que por todos os lados
embastecem a vila
branqueja,
docemente tranqüila,
a torre da velha igreja
secular.

E além, qual invertida exclamação,
destaca-se o vulto do farol, na solidão
da ponta do "Calcanhar".

O "Tourinho", nessa luta eterna e inglória
com o mar - o seu algoz - que, na sua inconsciência,
lhe sacode, sem dó e sem clemência,



Livro de estréia, nele Luís Patriota faz as primeiras experiências formas e estilísticas, permeados por forte emotividade

3

O GALO

Julho
1999

*ondas em fúria, enormes vagalhões,
- é um monumento colonial da nossa História
cheia de tradições!...*

Outro célebre poema de Luís Patriota, e que deu título ao seu segundo livro, é o "Poema das Jangadas":

*Antes que o mar se encrespe em vagalhões violentos
as jangadas,
ainda há pouco repousadas
sobre os rolos possantes,
descem à praia, a impulsos repetidos e constantes,
para o embalo das ondas e dos ventos.
Fazem-se, assim, de vela.
(O céu se ruboriza
aos primeiros acentos da alvorada).
Ei-las que vão, na sua faina ousada,
velas pandas aos hálitos da brisa,
sem temor dos perigos da procela.*

VIDA LITERÁRIA - Luís Patriota participou ativamente da vida social, boêmia e literária da Natal de seu tempo. Entre seus companheiros de vida literária, podemos citar Ezequiel e Jaime Wanderley, Neto Guimarães, Manoel Rodrigues de Melo, Othoniel Menezes, Aderbal de França, o Danilo, Barreto Sobrinho, Jorge Fernandes, Gumerindo Saraiva, Veríssimo de Melo, Nilo Pereira, Rômulo Wanderley e Luís da Câmara Cascudo.

Participou das melhores coletâneas de Poesias publicadas no Rio Grande do Norte, entre elas a de Ezequiel Wanderley e a de Rômulo Wanderley. Atualmente sua poesia anda um tanto esquecida, por isso mesmo é hora de lembrá-la. É lembrando os poetas que nos certificamos da inteligência de nossa terra.

Em 1964 Luís Patriota foi eleito para a Academia Potiguar de Letras.

Apêndice

Em artigo publicado no jornal Folha de Touros (março/88),

intitulado "Luís Patriota, o Poeta das Jangadas", o escritor Gumerindo Saraiva cita entrevista de Othoniel Menezes ao jornal de Café Filho, de 1933, onde o poeta diz que Luís Patriota "conhecia os segredos da rima". E acrescenta: Tal conhecimento Luís Patriota revelara já em 1922, quando publicou seu primeiro livro com apenas 22 anos de idade, seu famoso "Livro D'Alma", tornando-se assim o primeiro poeta de Touros a ser editado e livro.

Luís Patriota ocupou na Academia Potiguar de Letras a cadeira cujo patrono é o modernista Jorge Fernandes.

Abel Viana, que apesar de grande industrial apreciava a poesia, dominando o lirismo como expressão do sentimento do Poeta das Jangadas, musicou a poesia "Teus Anos":

*Anos completas hoje. E eu, tão distante,
sem poder, ao dulçor de teu carinho,
dizer-te tudo, confessar baixinho,
que seu me vai n'alma, neste instante!...*

*Tomado de desejos sobre-humanos
pareço ver, bem viva na retina,
tua imagem ideal, meiga e franzina,
ao púbero frescor dos 15 anos.*

*Deixa que eu, feito sombra e luz - querida
nesta fase risonha e alvissareira,
siga os teus passos, pela estrada inteira,
a estrada aberta em flor da tua vida.*

*Tão distante de ti, cheio de tédio,
busco nesta profunda soledade,
teu retrato, onde encontro esta saudade,
eficaz e dulcíssimo remédio...*

*Passada esta ilusão, e a sós, pensando,
quando a tua saudade mais me assalta,
sinto-me triste, enquanto à tua falta,
vão meus olhos em lágrimas boiando.*

*E hoje, que do teu lar entre o carinho
passas para a opulência de outra idade,
quero esparzir as rosas da saudade,
desta saudade pelo teu caminho!...*

Nilson Patriota é historiador, ficcionista e cronista, autor de *Itajubá Esquecido* (ensaio), *Vão de Pássaro* (crônicas) e *Um Gosto Amargo de Fim* (romance).

Vendo Luís Patriota...

Luís da Câmara Cascudo

O homem atravessa a rua e uma pedra desprega-se do mais alto telhado, atingindo-o. O poeta Joaquim Bartrina analisa a dialética mecânica da coincidência: A PEDRA CAI PORQUE O HOMEM PASSA, OU O HOMEM PASSA PORQUE A PEDRA CAI? Sugere o símile retórico de POESIA e POETA no plano temático da prioridade.

É POETA PORQUE FAZ VERSOS OU FAZ VERSOS PORQUE É POETA? Pertencem ao grupo devoto do POETA FAZ VERSOS e não OS VERSOS FAZEM O POETA.

Poeta é potencial criador e não a produção obtida pela percepção inspiradora.

Conheci o poeta Luís Patriota na volta de 1922. Alto, esbelto, airoso, olhos pensadores, pequena cabeleira, lábios em projeção instintiva do beijo. Praieiro de Touros, a capital das Jangadas, nascera em novembro de 1899, quase um ano além do meu dezembro anterior. 1899, ano de João Café Filho, Olímpio Batista, Mariano Coelho, Francisco Amorim, que conheceu Moisés Sesyom. Já residia em Santa Cruz do Inharé. Casado,

colaborador d' "A República", anunciava "PRISMAS", prefaciado por Sebastião Fernandes. Publicou-o com o título de "LIVRO D'ALMA", editado no Recife, 1922. Um ano depois circulou o fundamental "POEMA DAS JANGADAS", onde elas oscilam e pairam nas ondas sonoras. Lembro que pesquisei as origens e permanências jangadeiras, símbolo sentimental da Navegação, imóvel na placa do brasão estadual. Luís Patriota fixou-se em Natal, funcionário da Junta Comercial, onde meu pai foi o presidente inamovível e tranquilo. Divulgou-se nas relações poéticas, jornalísticas, associativas. Academia Potiguar de Letras e vizinhanças.

Vejo-o com as pupilas do coração. Vezes subíamos lentamente toda a Junqueira Aires, acompanhando-me à casa da rua da Conceição, que não existe mais. Íamos conversando. Comparando. Ressuscitando quanto o Passado levava para a História. Lá uma vez, dizia seus versos, na lentidão saboreado dos assuntos vividos na memória feliz. Fomos um dia à Redinha, com o mestre Ricardo da Cruz, visitar uma Jangada de Quilhas, fenômeno revolucionário da construção tradicional. Luís Patriota era nome inseparável das nossas presenças literárias. Teria livros inéditos.

Proclamo-o POETA! Era uma sensibilidade irradiante e de captação infalível. Via quanto passava despercebido aos olhares vulgares e apressados. Crepúsculos lentos, luas jovens, sobrados velhos, o Potengi com sua orla de mangues, movimento de feiras, pregão de ruas, noites de novenas, procissões, canto de galo, despertando a tardia madrugada.

A vida separou-nos um pouco, mas nunca a estima pessoal da criatura humana, natural, inesquecível de simpatia. Revejo-o na Junta Comercial do Estado, próximo ao expediente encerrar-se. Sentado, olhando para o alto da sala que a penumbra invadia. Estava vendo TOUROS! Bom Jesus de Touros, onde povoava de cantigas e gritos as praias incomparáveis, espectros de jangadeiros que voltavam com a noite, barcareiros que a lembrança fazia reaparecer, regas no sussurro das camarinhas fiéis, o Setestrela guiando o rebanho das constelações, tudo quanto Luís Patriota está vendo de perto, restituído às divinas alegrias das origens eternas..

(Extraído do jornal "A República", de 26 de novembro de 1978)

4

O GALO

Julho
1999

Jorge Tufic

Não se costuma falar de “paraíso astral” com a mesma frequência com que se remete ao seu oposto “inferno astral”. Mas se tais figuras zodiacais fazem sentido, então pode-se dizer que o poeta Jorge Tufic vive presentemente o seu “paraíso astral”, tantas as felizes coincidências por que atravessa. Provam essa invejável fase a conquista, este ano, do Prêmio Ascenso Ferreira de Poesia do Nordeste, conferido a seu livro *A Insônia dos Grilos*, pela Fundação Casa Cultura Hermilo Borba Filho, de Palmares, Pernambuco; a escolha de seu livro *Cem Poemas de Jorge Tufic*, para integrar o programa editorial deste ano da Universidade Federal do Ceará, enquanto a Editora Valer acaba de anunciar a publicação de seu livro *Quando as Noites Voavam*, onde predominam os mitos amazônicos. Aliás a Amazônia é um tema recorrente na prosa e na poesia de desse poeta intimamente ligada ao círculo poético do jornal “O Pão”, ao lado de Luciano Maia, Virgílio Maia e outros, como ele revela nesta entrevista concedida ao jornalista Nelson Patriota.

“Meus pais emigraram para buscar o eldorado da América”

O GALO – Sua origem brasileira tem causas muito particulares. Você poderia detalhá-las para os nossos leitores?

JORGE TUFIC – Com o maior prazer. Sou filho de imigrantes libaneses de uma época em que o Líbano estava sob protetorado da Turquia. Meus pais tiveram que emigrar para buscar o eldorado da América. E a América naquele tempo era tudo; não se distinguia Acre de São Paulo, tudo era América, América do Norte, América do Sul, eles misturavam tudo. A confusão era enorme e a ironia do destino foi pesada para alguns, como meus pais, que foram parar nas barrancas do Acre, atraídos, naturalmente, pelo rastro do ouro negro, que era a borracha. Apesar de orgulhosos da nacionalidade de libaneses, meus pais foram chamados de turcos porque o passaporte deles era carimbado pelo governo turco. Isso aconteceu antes da I Guerra Mundial. Meus pais chegaram em Manaus, e depois foram para o Acre;



Ode a João Cabral de Melo Neto

Jorge Tufic

No bairro de Santo Antonio,
bem perto de ser um monte
porém mais perto de ilha,
me ponho a ouvir, certa feita,
os versos de João Cabral.
A estrita lição da régua
desfia um rio distante;
seu leito, seu ritual,
convida a servir de espelho
para um menino surpreso
na roupa de antigamente
— quando ele tinha o seu rio
mas que a nada o comparava,
posto que um rio de peixes
sem lama e pouco sombrio.
Um rio longe do mar,
carente apenas de estilo
porque sempre a caminhar.
Um rio que se tivesse
maré de pedra e salsugem,
talvez seu vento mudasse
de verde para ferrugem.
Essa ferrugem de ouro
que o verso de João Cabral
recolhe terso entre mangue,
cidade e canavial.

meus dois tios chegaram antes, fazendo a mesma trajetória.

O GALO - O que motivou seus pais a deixarem o Acre, depois de alguns anos de residência ali?

J. T. - Em princípios de 1944, - eu já contava 14 anos -, a debacle financeira de meu pai foi muito grande e não fazia mais sentido permanecer no Acre. Fomos para Manaus. A Segunda Guerra Mundial estava no auge. Continuei meus estudos em Manaus. A situação econômica de meu pai era muito difícil, mas ele estava confiante numa bolsa de prata de minha mãe, onde estavam os seus guardados dotais. Mas infelizmente, em 1939 minha mãe sofreu um aborto ao cair de uma escada, e a partir daí passou a sofrer de problemas neurológicos. Meu pai não sabia, só foi descobrir quando perguntou pela bolsa das jóias. Ela então respondeu: "já distribuí no meio das minhas sobrinhas". Meu pai caiu pra trás. Resultado: ficamos na miséria em Manaus. Nos mudamos para uma estância onde até o banheiro era coletivo. Aí eu tive que trabalhar.

O GALO - Que tipo de trabalho você pegou?

J. T. - Trabalhei como auxiliar de comércio, office-boy, - chamavam "manda-leite" nesse tempo -, menino de recado, tudo, tudo, isso atrasou muito os meus estudos. Em Manaus, fiz até o secundário.

O GALO - Mas você também tem títulos de formação superior...

J. T. - Sim, sou formado em Amazonologia - Aconteceu em 1955, a essa altura eu trabalhava em O Jornal, em Manaus, e praticamente não estudava mais. E rapaz pobre, era difícil para mim enfrentar um curso superior. Tanto que os três cursos que tenho, chamados de nível superior, foram adquiridos por equiparação. Primeiro, eu já era jornalista profissional registrado quando chegou o curso de jornalismo em Manaus. Assim, fui equiparado a curso superior. Para ser fiscal do Trabalho tinha que ter curso superior; eu fui readaptado e já entrei como bacharel em direito no Ministério do Trabalho. E o título de contabilidade superior, foi quando fiz os seminários do INSS já como fiscal do INSS já para me habilitar ao exercício da profissão.

O GALO - Quando a literatura surgiu em sua vida?

J. T. - Nessa estância em que fomos morar em Manaus, a casa era apertada, mas nos oferecia a liberdade de sentar num banco ao ar livre. Ali eu lia os livros que me davam, ou que eu adquiria nos sebos. Os dois primeiros romances que li foram "Um nevoeiro em Londres" que eu não lembro o autor, e "O ferreiro da abadia", de Ponson de Terrail. Saboreei os capa-e-espada com uma volúpia danada!

O GALO - Quando você se descobriu poeta?

J. T. - Meu pai alugou uma barraca no mercado público central e eu o ajudava aos domingos. Num certo domingo, apareceu um fiscal da Prefeitura, chamado Manuel Lacerda, que me passou um suplemento, acho que o "Letras e Artes", de um jornal do Rio de Janeiro, onde havia um soneto de Cecília Meireles que, observei, não tinha rima. Eu disse ao Manuel Lacerda que fazia um igual. Imediatamente ele me passou sua caneta tinteiro e disse: "Só me devolve a caneta quando fizer". Quando ele voltou da caminhada pela beira da praia, eu já tinha feito o soneto. Esse soneto ficou com ele. Aí começou a

veia poética. Mas antes, no Acre, eu fazia minhas quadrinhas de improviso. **O GALO** - *Como era a vida cultural em Manaus?*

J. T. - Era dividida entre grêmios literários, a Academia Amazonense de Letras e o Instituto Histórico do Amazonas. As páginas dos jornais só eram abertas para os monstros sagrados, Péricles de Moraes, João Leda... Por coincidência, a grande maioria deles era nordestina. O francesismo predominava.

Não havia movimentos culturais.

O GALO - *Quantos jornais diários circulavam em Manaus?*

J. T. - Quatro jornais diários: o Jornal do Comércio, Jornal a Tarde, Diário da Tarde e O Jornal. Trabalhei em O Jornal. Depois, na Folha do Povo, e na Gazeta de Manaus, jornais que vieram depois.

O GALO - *Você também teve uma agitada e curta passagem pela política. Como foi isso?*

J. T. - Entrei para a política em 1990, através de um amigo do Collor, Deusamir Pereira, que foi candidato a governador. Ele me escolheu para ser o outro majoritário do partido.

O GALO - *Que característica você imprimiu à sua campanha?*

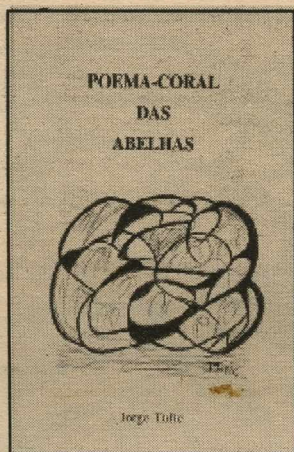
J. T. - Foi uma anticampanha, moderada, porém forte, e violenta na medida em que desafiou os predadores da Amazônia, denunciou os corruptos, baseado naturalmente naquilo que é o papel do senador, ser um defensor do Estado. Comecei a defender o Estado ainda como candidato e fui penalizado duramente por isso.

O GALO - *Como se dá essa atividade predatória da Amazônia?*

J. T. - Ela existe desde quando as ruas de Manaus ainda eram iluminadas com banha de tartaruga, há 300 anos. Imagine quantos quelônios eram sacrificados! Naquela época não se comiam os quelônios, só se aproveitava a banha deles para a fabricação de cosméticos, que eram embarcados para Portugal, ou então utilizados para a iluminação pública. Depois chegaram usinas de iluminação, que eram movidas a lenha, como os navios de cabotagem, que utilizavam lenha em suas caldeiras. Tudo era tirado da floresta amazônica, isso sem falar na exploração do pau-rosa, na derrubada de árvores para serraria, etc. Essa depredação só veio a ganhar dimensões continentais de derrubada e queimada quando o pé-de-boi foi levado para a Amazônia. Porque a vocação da Amazônia não é a pecuária. Se alguma fazenda existe na Amazônia deve ser fazenda aquática, lago de criação de peixes, e não de fazenda para gado de corte.

O GALO - *Qual o estado atual desse processo predatório?*

J. T. - Há uma política de defesa da floresta tropical que cobre a Amazônia, mas não há vontade política e nem condições para fazer valer a lei. O Acre todinho está penalizado com esse tipo de economia predatória; em Roraima, os campos gerais estão devastados com a exploração do ouro, estão envenenando os rios e o mercúrio transmite um vírus



A obra poética de Jorge Tufic se renova constantemente. *Sinos de Papel*, *Poema Coral das Abelhas*, e *A Insônia dos Grilos* são três títulos recentes que expressam novas realizações poéticas carregadas de simbolismos e alegorias do mundo animal, mas dirigidas essencialmente aos homens

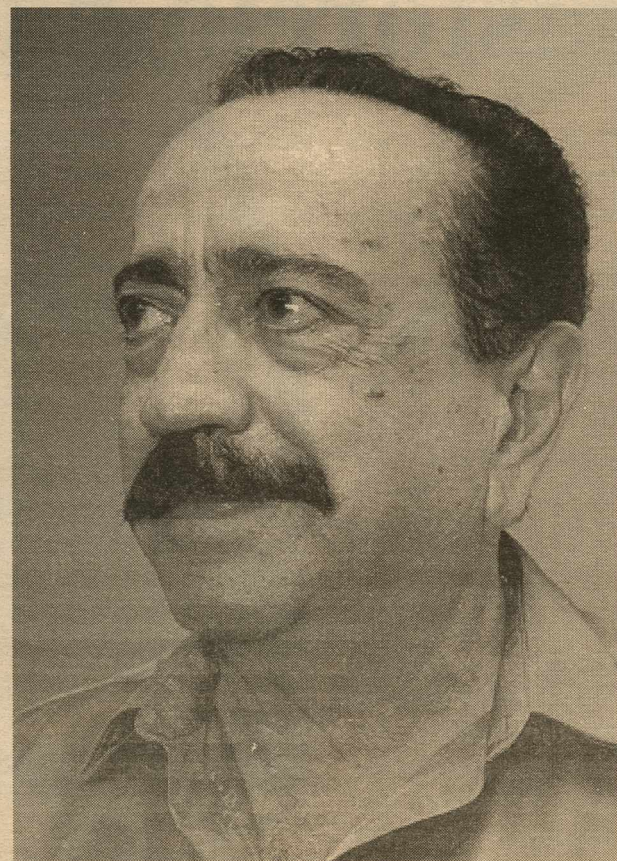
para a mente da gente que causa demência. O problema é que a Amazônia é uma biota, ou seja, um conjunto compacto tão perfeito que ao se mexer em qualquer parte desse sistema, todo ele é afetado, até atingir os nichos sagrados da Amazônia, onde estão as aves mais raras, onde o homem ainda não chegou, e já chegou. No dia em que eu vi os tucanos sobrevoando Manaus em busca de comida, eu disse: acabou-se, a queimada já chegou nos nichos sagrados da Amazônia, na alma vegetal da Amazônia. Foi quando eu resolvi sair de lá.

O GALO - *Quando você chegou a Fortaleza?*

J. T. - Cheguei em Fortaleza em fins de 1991. Nos dois primeiros anos não fiz nada, só acomodar a família num apartamento, e comecei a integrar o grupo do Pão. Daí comecei a publicar meus livros em São Paulo, em Fortaleza, e também a partir das atividades culturais da cidade, que é muito grande.

O GALO - *O que você destaca especialmente na vida cultural de Fortaleza?*

J. T. - O teatro predomina sobre qualquer outra



O processo de depredação da biodiversidade da região amazônica, através do engenho humano, é uma das preocupações constantes do escritor Jorge Tufic

atividade. Em seguida, vêm as publicações do Alagadiço Novo, da Universidade Federal do Ceará, a UFC. É uma média de três, quatro livros por mês. As artes plásticas têm uma atividades acentuada e o artesanato constitui hoje a base da economia informal de Fortaleza. Quero salientar sobretudo o talento, a inteligência, o dom de improvisação e a presença de espírito do cearense; é um povo muito inteligente, e que talvez não se dê muito valor a essa atividade que ele tem.

O GALO - *Você publicou quantos livros até agora?*

J. T. - Tenho 38 títulos publicados, entre poesia, ensaio, conto, crônicas e

memória. Apenas meu teatro é inédito. Tenho uma peça sobre o Bocage. Fala-se muito nele, mas não se tem conhecimento pleno do lado pornográfico dele, que também é artístico. Fiz um ensaio, uma monografia que foi transformada em peça em 1990.

O GALO - *Você publicou quantos livros de memórias?*

J. T. - Publiquei um, mas escrevi doze. Só que entreguei os originais e foram perdidos na imprensa oficial do Amazonas. Tenho testemunha e recibos disso. Agora, para publicá-los, terei de rebater tudo de novo. E não sei quando terei tempo e disposição para uma obra dessa envergadura. Sou autor do Hino do Amazonas, a música é do Claudio Santoro e a letra é minha.

O GALO - *1999 vem sendo um ano especial para você. Você ganhou vários prêmios literários. Poderia comentar alguns deles?*

J. T. - Sim, ganhei pelo menos um prêmio importante, o Prêmio Ascenso Ferreira de Poesia do Nordeste, com o livro de poesia *A Insônia dos Grilos*. O prêmio é R\$ 5000,00, para a época atual trata-se do maior prêmio literário do Nordeste.

O GALO - *Há outros prêmios?*

J. T. - Sim. Em 1961, eu recebi o prêmio Norte, de poesia, da Superintendência do Plano de Valorização da Amazônia, já extinto. Agora, conquistei o prêmio Nordeste. E tive o prazer de ser publicado pela Editora Valer, com o livro *Quando as Noites Voavam*. É uma poesia eminentemente amazônica. Quero resgatar uma tradição que teve em Raul Bopp seu único representante e que é, segundo Carlos Drummond de Andrade, o maior poema brasileiro de todos os tempos.

O GALO - *Mais algum fato auspicioso?*

J. T. - Tem um outro fato que muito me alegrou, de ter sido lembrado em Estocolmo, Suécia, para prefaciar um livro que está sendo indicado para concorrer ao Prêmio Nobel de 1999, cujo título é *A Matemática dos Homens e a Mente Matemática de Deus*, de autoria do cientista cearense Francisco Bedê. O livro tem como temática o Velho e o Novo Testamento, transformando tudo em números, causas e efeitos. Tem mais uma glória, ser aprovado pela Universidade Federal de Fortaleza para as UFC Edições é um acontecimento raro. E o meu livro *Cem poemas de Jorge Tufic* foi aprovado e está sendo editado. Com isso, me integro definitivamente como cearense.

O GALO - Você se vê mais como poeta, crítico, memorialista, ou o quê?

J. T. - Quando penso naquilo que sou, deixei de ser, ou que não seja nunca, penso em termos de poesia. Eu me penso a mim em termos de poesia. Eu me considero um ser abstrato. Tanto que tenho um poema no meu primeiro livro, "Vereda de pássaros", tem um poema que diz: "O poeta vai pela rua, ninguém está vendo o poeta, porque o poeta é um ser transparente". De forma que para mim o poeta é um ser abstrato, intraduzível. Quando você está no estado de graça da poesia é que você descobre que sua única vocação é a poesia. A poesia é um milagre.

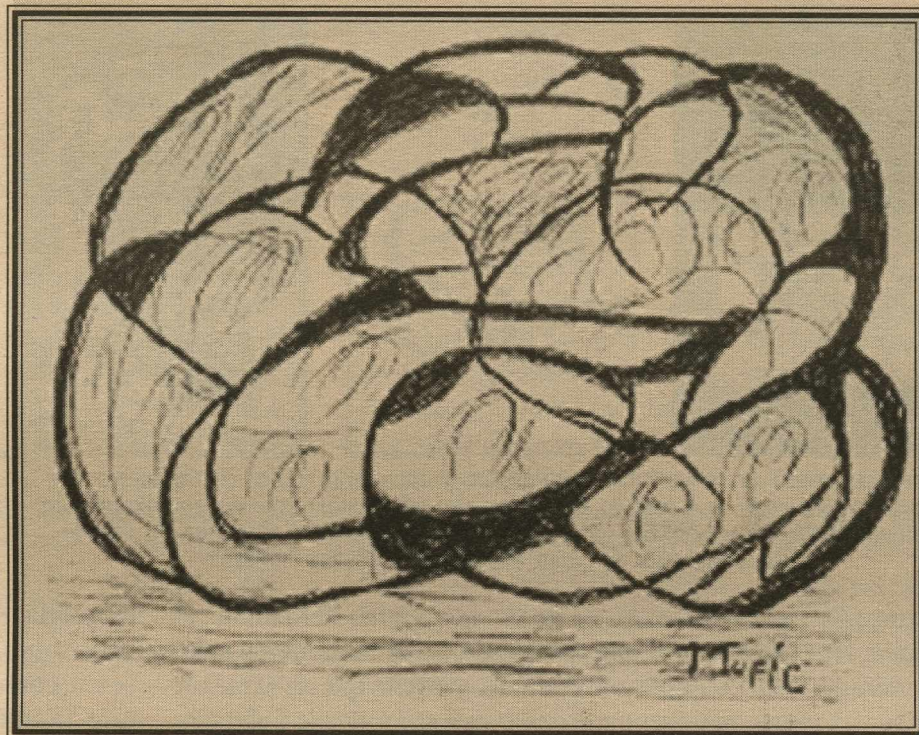
O GALO - Qual a utilidade da poesia?

J. T. - A utilidade da poesia está paradoxalmente na sua falta de utilidade, de fim prático. Se você for meditar sobre a utilidade das coisas, você verá que por mais carente de utilidade que a poesia possa parecer que é, no fundo ela é mais

útil e necessária que todas as outras coisas. Quando você lê um poema, esse poema abre os horizontes de sua imaginação, você vê sua utilidade, uma utilidade que ainda não foi dimensionada com exatidão. Infelizmente, dos milhões de livros de poesia que se publicam hoje, poucos estimulam a gente a pegar da pena e escrever.

O GALO - Quer dizer que a poesia se alimenta da poesia?

J. T. - Exatamente, naquele momento em que você está lendo um poema, ele não é de ninguém.. Você tem de ter o cuidado de não fazer nada menor do



Desenho de Jorge Tufic para capa de seu livro *Poema Coral das Abelhas*, edição do autor publicada este ano, e com prefácio de Francisco Carvalho

que aquilo, mas nada que lembre aquilo. Ele é a sua plataforma, seu trapézio, seu estímulo, como quem diz: ora, ainda tem gente que escreve".

O GALO - Então não faria sentido ler poesia, se não houvessem novos poetas.

J. T. - Sim, eu defendo que o poeta maior é produto de milhões de poetas menores. Ninguém pense que o poeta menor não lê poesia. O poeta maior tem de ler tudo.

O GALO - O que estimula o poeta?

J. T. - O poeta não lê só textos, ele lê o caminho, lê os enigmas que estão entre uma coisa e outra. O

texto é apenas o estímulo para que ele enfrente o dicionário da poesia desde criança. O poeta amazônico Américo Antonico, leu Milton, Shakespeare, virou ermitão e resolveu não ler mais nada, valer-se só do talento dele. E fez tudo isso com um vocabulário e uma linguagem muito pobre, que não faziam jus à inteligência e ao talento dele. Daí porque a poesia é necessária. Até para a aquisição de vocabulário. Enfim, a leitura ajuda você a não repetir o que já foi dito.

O GALO - Quais são suas admirações poéticas no Brasil, hoje?

J. T. - Certa vez, já saciado de poesia, resolvi selecionar os poetas singulares do Brasil. Na primeira lista entrou o Raul de Leoni, depois tirei, botei Manoel de Barros; quando li Raul Bopp, tirei Manoel de Barros. A matriz dele é Guimarães Rosa, daí que sua originidade se reduz. Eu queria escolher pelo menos quatro poetas singulares. Finalmente, mantive Augusto dos Anjos e João Cabral; não

entraram nem Drummond nem Bandeira. Depois, em vez de Manoel de Barros, resolvi botar, com justiça, Raul Bopp. Se você quiser fazer uma obra singular em poesia, não tem de perdê-los de vista. Quando se chega a isso, você pode ficar num único livro, porque você atinge uma altitude tal que não quer escrever nada inferior àquilo. É o caso de Raul Bopp com "Cobra Norato" e Augusto dos Anjos com "Eu e outras poesias". Fiquei nestes dois e mais João Cabral. O quarto singular ainda não achei.

O GALO - Existe este quarto singular?

J. T. - Estamos trabalhando para ser um deles!

Tufic e o pastoreio das abelhas

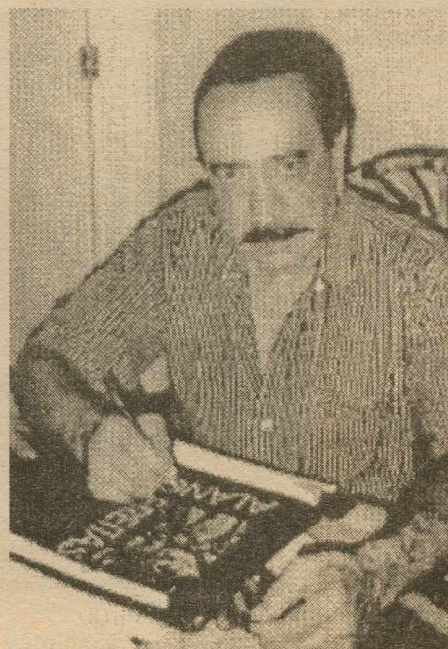
Francisco Carvalho

Não adianta perguntar o nome do lugar onde nasceu o poeta Jorge Tufic. Isso não teria a menor importância, uma vez que a origem espiritual do poeta transcende os limites do tempo e das fronteiras geográficas. Ele pode ter nascido em Cartago ou em qualquer outro desses lugares mágicos encravados nos mapas do Oriente Médio. Ele deve ter atravessado o deserto nas costas dos camelos que transportavam espelhos, rosas de papiro e essências de sândalo para as concubinas do rei. Deve ter lido os versos ardentes de algum poeta apaixonado, "os textos da Eneida/ as odes de Horácio".

Depois, sob as lonas de uma tenda de luar e vento, escreveu este Poema-Coral das Abelhas, onde "passado & futuro/ são fronteiras de aragem/ formigas que saem das tocas/ ganham

asas de louça". Jorge Tufic é um prestidigitador de palavras. As palavras do cotidiano, lantejoulas de brilhos rotineiros, ele as transforma em diamantes de fulgurações sedutoras. Do passado, diz o poeta: "não vêm senão vendavais de sândalo". O Poeta Tufic conhece os declives escorregadios da argamassa verbal, por isso acredita que "a simplicidade/ equaciona o absurdo". Ele desfruta da convivência das árvores e descobre que "uma família inteira de pedras/ conversa neste bosque". A memória do poeta recua no tempo até as suas origens mais remotas, no Oriente Médio. "O terror da fumaça/ desenha um bisonte/ que sai do petróleo". Ser precário, igual a todo homem nascido de mulher, o poeta não ignora que seremos arrebatados por um vórtice metafísico, e "que o dia vai indo/ para um lugar talvez/ onde juntos/ seremos a noite". Jorge Tufic é um habilidoso

tecelão de imagens poéticas capazes de justificar todos os desvios da semântica. Um exemplo brilhante entre



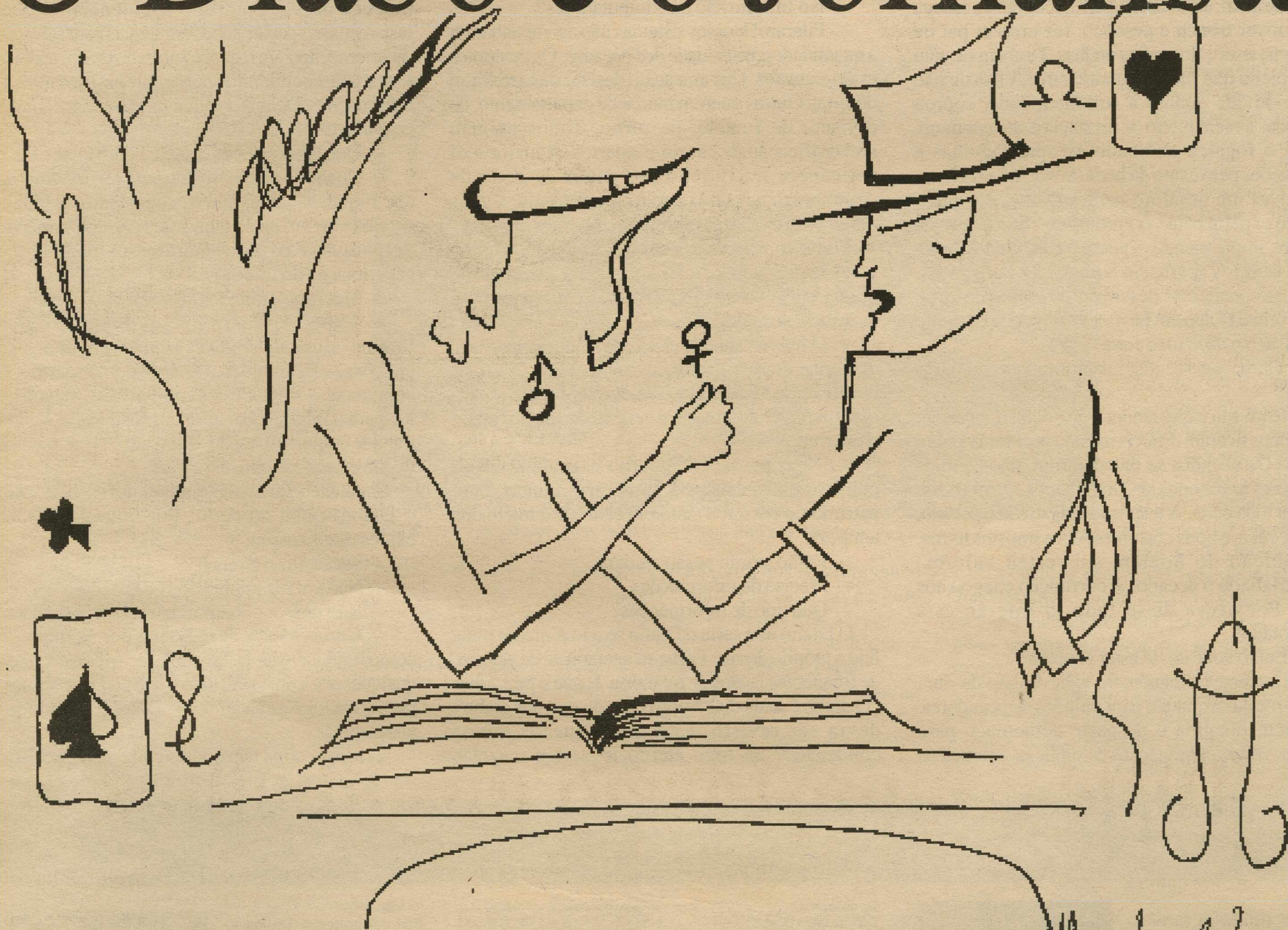
O poeta Jorge Tufic conhece "os declives escorregadios da argamassa verbal"

muitos outros: "Que imensa gruta/ é o homem/ quando/ fecha os olhos".

O poeta abre e fecha o livro com dois belos sonetos. Aliás, ele é um dos maiores especialistas na arte de escrever sonetos. E os faz com tal leveza que o poema sai incólume das "perpétuas grades do verso" (Augusto dos Anjos). Estou certo de que o poeta Ezra Pound, inimigo figadal do soneto, se lesse os sonetos do poeta Jorge Tufic, seguramente mudaria de opinião. A poesia de Tufic, expressa em sonetos ou em poemas de versos livres, é um "clarão retido". E esse clarão deve ser "o ritmo/ que amadurece o ouro/ e pulveriza o diamante". Nunca é demais repetir o que o feitiço da palavra poética nos ensina: "A simplicidade equaciona o absurdo".

Francisco Carvalho, cearense, é poeta. Escreveu *Raízes da Voz*, *Rosa dos Minutos*, etc

O Diabo e o Jornalista



Carlos Trigueiro

Frank vinha questionando se tomara o rumo certo. Beirando os sessenta, ainda solteiro. Solitário, sem mulher, família, parentes. Nem doméstica para limpar a casa. Se pudesse, teria uma governanta que cuidasse de tudo. Mas um discreto jornalista só podia sonhar. Enquanto isso, amigos, prazeres e oportunidades rareavam.

Saía tarde da redação. A primeira edição em baixo do braço. Havia anos se libertara da tirania das horas. Aliás, constava do anedotário do jornal que um assaltante roubara seu relógio de pulso, e que Frank não reagira, não dera parte à polícia, nem comprara outro. Apenas dissera ao bandido: “vai pro Inferno com o relógio!”

Após um dia estafante, entrou em casa empurrado pelo hábito. Abriu a porta do apartamento, desviou o olhar da desarrumação, estreitou o passo entre pilhas de jornais e chegou ao quarto. Pousou os

óculos na mesinha de cabeceira. Foi ao banheiro por intimação fisiológica. Não terminou de vestir o pijama, nem apagou a luz do abajur. Mal triscou na cama, roncava intensa vazou o ambiente e ganhou, sabe-se lá, outras esferas. Momentos depois, despertou com o ruído do próprio ronco. Ou com o desconforto do suor a empapar-lhe têmporas e pescoço. Pelas frestas dos cílios, viu a luz do abajur derramando estranho colorido no quarto. Desaninho os olhos modorrentos e ergueu a cabeça. Mesmo sem óculos, enxergou alguém sentado na extremidade da cama. Perturbou-se, imaginando o pior.

A experiência socorreu Frank. Curtido no vaivém dos fatos e no corre-corre das notícias, sabia que o absurdo hoje pode ser banal amanhã. E vice-versa. Girou o corpo e tentou pôr os pés no chão. Mas o calor do assoalho chamecou-lhe a sola. Decidiu enfrentar o absurdo.

— Quem é você? Se quer dinheiro, deu-se mal!

— Desculpe se o assustei... — Disse o fortuito

visitante, de perfil. Aparentava um sujeito comum, não fosse o terno preto fora de moda.

— E daí, quem é você? Sentado na minha cama!? Não sou o que...

— Tenho muitos nomes: Anjo Caído, Anjo Rebelde, Belzebu, Capeta e outros, mas pode me chamar de Diabo, fico mais à vontade. — Atalhou o visitante com voz estudada, mantendo-se de perfil para o jornalista.

— Essa história é pra lá de batida! Você chega, diz que é o Diabo, quer comprar a minha alma em troca de algum favor e...

— Os tempos mudaram e a crise anda solta, preciso de ajuda! — Interrompeu o estranho, meio melancólico.

Apesar da extravagante circunstância, o visitante falava com equilíbrio. Mas em se tratando do Diabo, ou de alguém querendo passar pelo dito, Frank achou melhor desembainhar sua perspicácia de jornalista.

— Prove que é mesmo o Diabo!

— Não sente calor aqui dentro? Indagou o visitante a contragosto.

— Está um forno! Respondeu Frank, enxugando o suor da testa com a barra do lençol. — Mas o clima anda meio louco, me dê uma prova convincente!

O estranho, até então de perfil, rodopiou a cabeça sem mover tronco e pescoço, fez crescer par de chifres na testa e alongou as orelhas. Também sacudiu um rabicho que lhe saiu do traseiro. A fim de não pairar dúvida quanto à sua identidade, soprou labaredas a meio metro de distância e, ato contínuo, sugou o fogaréu deixando escapar fagulhas e crepitações pelo canto da boca. Sendo tal exigência de provas um desaforo para o Diabo, eis que o danado expeliu pela via apropriada forte cheiro de enxofre, impregnando o quarto e adjacências, antes de reassumir a aparência humana. Por um átimo, Frank arrependeu-se de ter pedido provas de que o sujeito era o Diabo em pessoa. Porém, o sentimento jornalístico pulsou mais forte.

— Como posso, discreto jornalista, ajudar o Diabo?

— Com sua experiência e discrição. Ouça-me. Os tempos ficaram difíceis mesmo para mim, pobre Diabo! Os pecados se banalizaram, não há mais pecadores às escondidas, disfarçados, e a maldade está por toda parte. A televisão vulgarizou o pecado. Moral, ética, e bons costumes só mesmo nos livros. A ambição do homem subverteu valores, industrializou o pecado. A corrupção chegou aos céus. Por causa disso tudo, o Inferno está superlotado!

— Então você devia estar contente!

— Contento? Ninguém faz idéia da mão-de-obra que é arranjar expiação para milhões de pecadores. Ninguém imagina o desgaste demoníaco para adaptar velhas engrenagens de suplícios e fornalhas

às novas tecnologias, à dinâmica dos cliques e à tirania do controle remoto. Além disso, atender fornecedores corruptos, controlar estoques, fiscalizar material falsificado, fazer pesquisas, mapas e estatísticas da multidão crescente que entra... É um inferno!

— No Inferno não há computadores?

— Pifaram! Nossos sistemas não acompanharam a quantidade e velocidade dos pecados. Os demônios estão exaustos. Uns ameaçam desistir da carreira, e desertar. Outros querem mudar de departamento, de divisão, de função, de turno. Todos exigem reclassificação de cargos e salários. A maioria só permanece no Inferno por causa da onda de desemprego que anda por aí. Ainda assim, alguns desertaram e estão se infiltrando nas elites humanas.

Frank começava a encarar o Anjo Caído como pobre diabo quando, mais uma vez, se deu conta de que o ideal jornalístico devia prevalecer. Injetou dose de astúcia no diálogo:

— O Inferno ainda precisa de estruturas enormes, diretorias, departamentos, divisões, turnos, controles burocráticos? Sou contra idéias neoliberais, só dão certo para os ricos, mas vai ver é o caso de privatizar o Inferno!

— Nem pensar! O Inferno executa serviços públicos essenciais para purificar o mundo, é um patrimônio cósmico inalienável desde o início dos tempos!

— Então, como posso ajudar?

— Preciso de informações.

— Que tipo de informações?

O Diabo não seria o Diabo se não pintasse mais feio o próprio drama. Primeiro queixou-se de velhice, de freqüentes lapsos de memória. E que o provérbio “O diabo é mais diabo por velho do que por diabo” devia ser revisto. Lamentou que os novos condenados ao fogo eterno levassem mazelas

desconhecidas para o Inferno e contagiassem os jovens capetas. Com lábia diabólica foi ao xis da questão: o conselho superior dos demônios incumbira-o de salvar o Inferno da avalanche de pecadores. Segredou que, nas calorosas reuniões do conselho, a leitura de atas prolixas e discussões inócuas provocavam-lhe sonolência. E que, justamente no debate sobre estratégias para salvação do Inferno, apoiara o queixo no cabo de um tridente e acabara cochilando, perdendo assim valiosas informações. Depois de ouvir os resmungos, Frank perguntou:

— Que fez da sua astúcia de velho Diabo?

— Quando acordei, só deu para ouvir o final da ata. Fiquei sabendo que os conselheiros haviam decidido me enviar ao mundo terreno com a missão de aniquilar os dois maiores culpados pela superlotação do Inferno.

— Mas, dois culpados? Fizeram pesquisa?

— Claro! A infalível pesquisa de “boca do Inferno” que, aliás, vocês imitam em época de eleições. — Respondeu o Diabo, com escárnio. E continuou: — Metade dos entrevistados alegou ter ido para o Inferno por causa do “Sistema” e a outra metade culpou um tal de “Mercado”. Daí, preciso de informações sobre essa raça!

Frank meneou a cabeça ou fez um cacoete, nem o Diabo soube ao certo. Por falta de melhor expressão, disparou:

— Você entrou numa fria!

— Não vai me ajudar?

— Não posso. — Respondeu seco o jornalista.

— Como não pode?! Se me der as dicas de como liquidar a dupla “Sistema” e “Mercado” faço qualquer coisa por você, tudo o que precisar. Vamos, me venda logo a sua alma! — Disse o Diabo com voz melíflua.

— Minha alma não está à venda, nem preciso

LIVROS / lançamentos

Nelson Patriota

Ensaio
Secr. de Estado da Cultura
Curitiba-PR
1999

A obra do romancista Paulo Setúbal é o tema de *História e Ficção*, trabalho do pesquisador curitibano Luiz Geraldo Toledo Machado, finalista do Concurso Nacional de Ensaio Prêmio Xerox 1997. Nesse trabalho, o autor tenta situar Paulo Setúbal na tradição historiográfica brasileira, no movimento de brasilidade do Modernismo, demonstrar sua familiaridade com as novas técnicas narrativas e poéticas, e destacar a consciência da nacionalidade, que atravessou toda a sua obra. Para Toledo Machado, a obra de Setúbal deve ser vista dentro das transformações que a historiografia brasileira sofreu a partir dos anos 30, com as obras de José de Alcântara Machado, Alfredo Ellis Júnior e Sérgio Buarque de Holanda, “que renovam a interpretação da história paulista e nacional”. Daí resultam seus romances do bandeirismo: *Bandeira de Fernão Dias*, *El Dorado*, *Romance do Prato* etc.



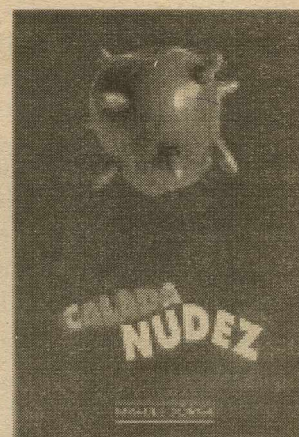
Poesia/prosa
Editora Idéia EDA
João Pessoa-PB
1999

O poeta Ascendino Leite surpreende mais uma vez o mundo literário nordestino com o lançamento de *Por uma saudade azul*, obra mista, onde combina no mesmo espaço físico do livro uma gama de poemas entremeados de textos em prosa não menos poéticos, a que ele denominou de “poesia anti-épica”. O livro é apresentado pelo jornalista Nelson Patriota, editor do GALO, onde destaca a especificidade da poesia de Ascendino Leite, permeada por um erotismo sutil e refinado. *Por uma esperança azul* reúne a produção mais recente do poeta e jornalista paraibano, cuja obra vem chamando a atenção da crítica brasileira nos últimos anos, como atestam os textos que compõem as “orelhas”, assinados por Antônio Houaiss, Josué Montello, Hildeberto Barbosa Filho e Oswaldo Jurema, sem falar que sua poesia já foi elogiada pelo exigente crítico e poeta mineiro Ivo Barroso.



Poesia
Editora Grafopel Gráfica e Editora Ltda.
Goiânia- GO
1999

Autor de uma obra bastante eclética, que percorre as veredas do romance, do conto, da poesia e do ensaio biográfico, o sul-mato-grossense Miguel Jorge obteve, com *Calada Nudez* o Prêmio Bolsa de publicações Hugo de Carvalho Ramos, de Goiás. Obra de múltiplos planos, *Calada Nudez* se destaca pela programação visual cuidadosa, que permite ao autor incursionar por gêneros híbridos, como o Poema/Processo, por exemplo. Aliás, um desses PPs fala justamente de Natal. A primeira parte da obra, porém, se caracteriza pela poesia habitual, onde não faltam reminiscências amorosas, diálogos com a amada presente, vãos líricos sobre as possibilidades do amor e outros temas recorrentes na poesia contemporânea. Na terceira parte do livro, de temática indígena, o autor homenageia o pataxó Galdino Jesus dos Santos, vítima de um incêndio criminoso em Brasília.



de coisa alguma! — Afirmou Frank corajosamente. — Aqui, quem precisa é você! Pois bem, vou logo adiantando, não pense que o dueto “Sistema” e “Mercado” é moleza feito dupla sertaneja! Mesmo para o Diabo sua missão é difícil, é impossível! — E continuou: O “Sistema” é todo-poderoso, intocável, tem mil couraças, filtros, espiões, está acima do Bem e do Mal, impõe, faz, desfaz regras, sempre a seu favor. Quem se rebela é engolido por ele! Você cochilou na hora errada...

O Diabo pela primeira vez se exaltou com a conversa. Enrubescou e soltou baforadas roxinhas de raiva. Percebendo o excesso, tratou de engolir o fogo. Recompondo-se, insistiu como Diabo que era:

— E o “Mercado”? Posso dar-lhe umas porradas!

Frank ponderou que o “Mercado” era impalpável: não tinha identidade, profissão, cor, nacionalidade. Nem idade, sexo, filiação, estado civil, escolaridade, passaporte. Nem alvará, residência fixa, qualquer qualificação. Paradoxalmente, explicou também que o “Mercado” podia ter tudo isso também, todas as caras, idades, etnias, nacionalidades, alvarás, residências e identidades que bem entendesse. Por fim, disse que o “Mercado” era algo muito complexo. E que, além do mais, era garantido pelo “Sistema” com o qual mantinha conspícua ligação. Mas o Diabo era o Diabo:

— Minha experiência diabólica diz que onde há ligações há fraquezas! Se não posso acabar com os dois, posso atazaná-los e, enquanto isso, os demônios modernizam a parafernália do Inferno.

— Se é assim, posso ajudar um pouco. A dica é atacar o “Mercado”, que tem pontos fracos e é sensível a tudo: corrente de ar, vírus de computador, boatos, enchentes, secas, manchetes de jornais, licitações públicas, escutas telefônicas, prêmio acumulado de loteria, horóscopo, declaração ou silêncio de autoridades, e por aí... Ouviu-se um estalo.

Não deu para saber se o Diabo materializou uma inspiração ou se rangeu os dentes, ou abanou o rabicho, ou se... Arisco, pôs-se de pé e agradeceu as informações. Perguntou a Frank quais eram suas maiores carências. Frank respondeu que só queria dormir em paz. Então, o visitante rodopiou a cabeça, despediu-se com uma crepitação nos cantos da boca e desapareceu. Imediatamente, a temperatura do ambiente caiu. Frank se enfiou nas cobertas e voltou a roncar.

No dia seguinte, o trabalho na redação foi infernal. Desde cedo circularam boatos de que o fim do mundo ocorreria em uma semana! Então, qualquer notícia corriqueira do mundo globalizado assumia proporções catastróficas: a queda de um barranco virara terremoto, o furto de uma sacola de supermercado ganhara status de assalto a banco, e por aí... Para acentuar o medo generalizado do fim do mundo, inexplicável tridente virtual se fincou como novo ícone na Internet, e também apareceu nas imagens da televisão. Não faltaram especulações nas bolsas, e até mesmo nos nichos religiosos; pois vazou a mais valiosa das informações: Deus ia desvalorizar o pecado!

Diante do quadro pré-apocalíptico, aconteceu o óbvio: o “Mercado” desabou, mas, imediatamente, o “Sistema” reagiu! Medidas provisórias e extraordinárias proliferaram por toda parte. Restava esperar uma semana, somente uma semana. Formaram-se intermináveis romarias aos templos de todas as religiões. Só mesmo assim, uma corrente virtuosa conseguira envolver a humanidade! Pelo sim, pelo não, todos os pecadores começaram a se arrepender, queriam viver aquela última semana em pura castidade. E milhões de pecados foram protelados por pelo menos sete dias!

Frank nem teve tempo de pensar na ocorrência da noite anterior. Como sempre, saiu tarde da

redação. Quando abriu a porta do apartamento, levou um susto. Tudo limpo e arrumado. A mesa do jantar preparada para duas pessoas. Temia o retorno do Diabo, quando reparou na criatura do sofá.

— Boa noite Sr. Frank! — E uma linda mulher estendeu-lhe a mão perfumada.

— Quem é você e o que faz na minha casa?

— Sou Annabella, a governanta contratada por seu amigo, o “Anjo Caído”, foi assim que ele se apresentou na minha consultoria...

— Não posso pagar nem faxineira, quanto mais governanta!

— Seu amigo pagou tudo adiantado. Um montante graúdo, renovável e vitalício! O senhor vai gostar. No gênero, tenho a melhor consultoria do mercado. Quanto ao mais, está tudo pronto: banheiro, roupão, chinelos, música ambiental, jantar, cama arrumada, camisinhas... Se amanhã o senhor chegar num horário mais conveniente, preparo drinks antes do jantar e...

— Horário? Não tenho nem relógio!

— Tem sim, o seu amigo me pediu para entregar-lhe este aqui, é antigo..., mas está trabalhando, só achei que tem uma quentura estranha nele...

— Diabos! É o meu relógio roubado faz trinta anos, minha praga funcionou!

— Seu amigo também mandou um recado.

— Que recado?

— Disse que como o senhor não quis vender a sua alma, ele teve de negociar algumas coisas com o “Sistema”...

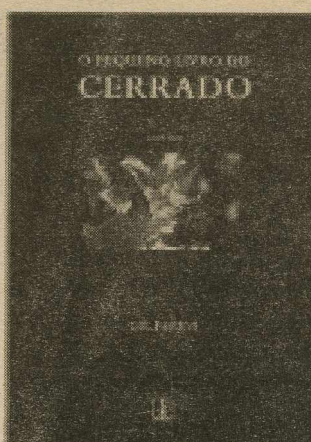
— Com o “Sistema”?! Diabo traidor!!!

— Não se aborreça, ele também mandou dizer que o “Sistema” adorou a sua sugestão e já começou a privatizar o Inferno...

Carlos Trigueiro é amazonense. Escreveu, entre outros, *O Clube dos Feios* (Ed. Artes & Contos, Rio) e *O Livro dos Ciúmes* (Editora Record, Rio).

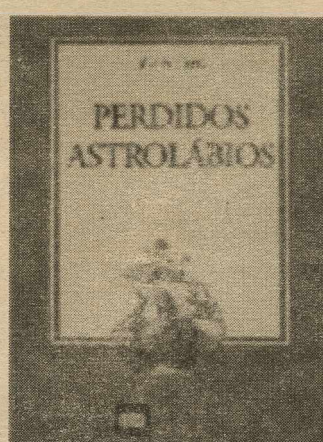
Contos
Editora Giordano
São Paulo-SP
1999

O universo mítico do cerrado - região múltipla que se espalha por Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Piauí, Maranhão, Bahia, Minas e São Paulo - é parcialmente recuperada neste conjunto de histórias de Gil Eduardo Perini. Trata-se de um médico paulista e que estréia em literatura com este *O pequeno mundo do cerrado*. A escritura revela certo dom para a narrativa curta, algumas claramente descomprometidas com o factual, como no conto *Voar*, onde é visível o apelo à alegoria; ou em *A pedra*, conto que se abeira do ambiente dos temas de Guimarães Rosa. Já em *Amigos*, o desfecho fica a desejar e é lamentável, pois a história tem um tema instigante: o assassinato de um homem pelo seu único amigo. O leitor não fica sabendo em que circunstâncias isso poderia ter acontecido. Se o autor se baseou num fato real, cabia a ele tentar preencher essa lacuna. É para isso que serve a literatura.



Poesia
Editora da UFPB
João Pessoa-PB
1999

“Não tenho horizontes/ tenho sonhos à vela/ e a tempestade da história”. Este verso serve de epígrafe inaugural para *Perdidos Astrolábios*, novo livro do paraibano Lúcio Lins. Na verdade, o livro é composto de três partes. A primeira, *Diante d’El Rei* (fala dos dez naufragos); a segunda, *Perdidos Astrolábios*; a terceira, *Maria das Águas*. Nas três, predomina a presença do mar, ou sua idéia metaforizada. A epígrafe que antecede a *Perdidos Astrolábios* é explícita: “Não tenho mares/ tenho a garganta seca/ e as palavras navegáveis”. A dupla negativa formada pelo par de epígrafes reforça a poética de Lúcio Lins, que se revela perfeitamente à vontade nessa “galáxia aquática”. Como observa o crítico Hildeberto Barbosa Filho, no prefácio à obra, “*Maria das Águas*, os naufragos e todas as circunstâncias do eu poético são como alter-egos do poeta, fazendo a sua viagem pelo ‘mar de dentro’”.



Contos
Editora KELPS
Goiânia-GO
1998

A escritora Augusta Faro Fleury de Melo, goianense, se revela uma escrita de múltiplas virtudes em *A Friagem*. A variedade de planos, temas e humores que permeiam cada um dos contos, surpreende, sempre. Em *As Sereias*, Augusta Faro se mostra capaz de desenvolver uma longa narrativa de concepção mágica, como um conto de Andersen, e mesmo assim, prender a atenção do leitor, tomar-lhe a mão, e conduzi-lo a um final convincente. Em narrativas menores, como *Check up* e *Paranóia*, um leve toque de humor emana de cada uma delas, revelando que a autora dispõe de recursos narrativos para usá-los em desfechos bem construídos. *A Friagem* foi, por isso, homenageado com o Prêmio Octávio de Faria, da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro - prêmio nacional de literatura. Na apresentação do livro, Adivaldo Fernandes Sampaio destaca o realismo mágico dos contos de *Friagem*.



UBE premia O GALO

Diploma de Mérito Cultural é conferido em sessão solene, no Rio de Janeiro

Pelo segundo ano em duas décadas - o primeiro, foi há exatamente dez anos, o jornal cultural *O GALO* tem seu trabalho reconhecido pela União Brasileira de Escritores, UBE. A premiação foi entregue no dia 10 de junho deste ano, em sessão solene coletiva, que contemplou também personalidades e entidades culturais de todo o País. O Editor de *O GALO*, jornalista Nelson Patriota, compareceu à solenidade e recebeu das mãos do escritor Francisco da Silva Nobre, presidente da Federação das Academias de Letras do Brasil, o diploma de Mérito Cultural, que traz as assinaturas do presidente da UBE, Fagundes de Menezes, e da sua secretária geral, Stella Leonardos.

A primeira distinção da UBE ao GALO ocorreu em 1989, quando o jornal era editado pela poeta e jornalista Marize Castro. Outro norte-rio-grandense presente à solenidade da UBE foi o escritor Renard Perez, premiado pelo conjunto de sua obra. Renard Perez é autor de uma vasta obra ficcional grande parte da qual ambientada em território e povoada de personagens de sua terra natal, e que já recebeu vários prêmios nacionais. O escritor Carlos Trigueiro, com laços familiares com o Rio Grande do Norte, recebeu também Mérito Cultural pela sua obra de ficcionista, notadamente pelos livros *O Clube dos Feios* e *O Livro dos Ciúmes*, ambos editados pela Editora Record, do Rio de Janeiro.

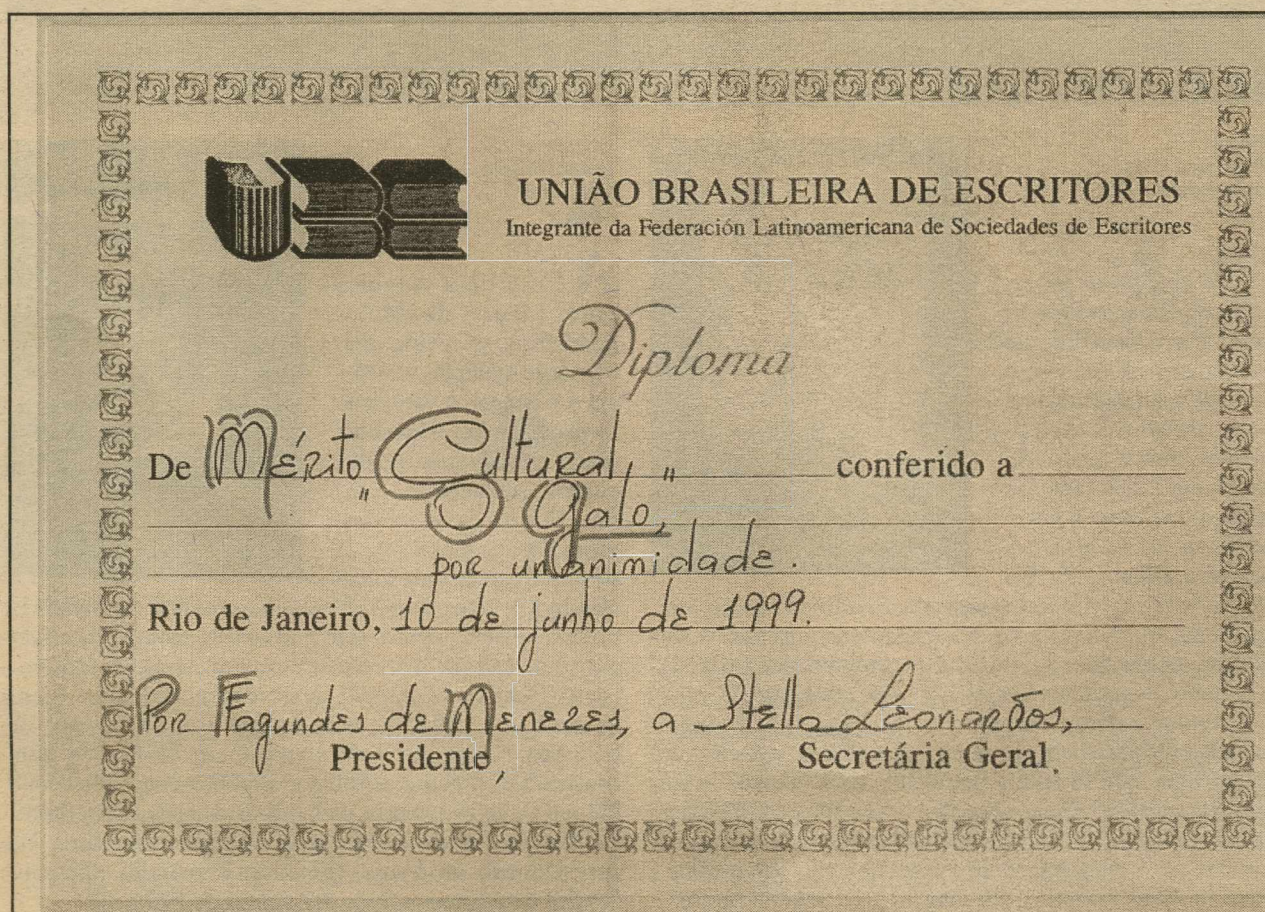


O jornalista Nelson Patriota recebe o Diploma de Mérito Cultural, conferido pela UBE a *O GALO*, e entregue pelo escritor e historiador Francisco da Silva Nobre, presidente da Federação das Academias de Letras do Brasil

O Diploma

A solenidade de entrega de diplomas de Mérito Cultural que a UBE promoveu este ano foi uma das mais concorridas, tendo lotado totalmente o auditório da sede da entidade, em Botafogo. O evento foi presidido pela secretária geral da entidade, escritora Stella Leonardos, em vista do impedimento do seu presidente, o norte-rio-grandense Fagundes de Menezes, que convalescia de uma cirurgia.

Para Stella Leonardos, a UBE distinguiu *O GALO* devido ao trabalho que esse jornal vem realizando em prol da integração cultural e literária, entre escritores e autores, privilegiando o tratamento gráfico dos textos e a qualidade das matérias que veicula, embora esteja distinta do eixo Rio São Paulo. Em sua opinião, isso é mais um motivo para que uma publicação como esta receba o incentivo da UBE, afinal, sublinhou, "a União Brasileira de Escritores tem de estar atenta e sensível à produção cultural que se processa em todo o país, e não concentrada no eixo Rio-São Paulo, como o fazem outras entidades culturais mais conservadoras e, por isso, deixam de apreciar e dar a atenção devido à produção literária de uma região culturalmente rica, como é o Nordeste do Brasil".



POIS É A POESIA.

Luís Carlos Guimarães

A Nenhuma Chamarás Aldebarã

Eu vinha de não sei que tristes sonhos, nefastos pesadelos. Despertei, ansioso, no meio da noite, e olhando a escura parede senti que as imagens torvas que me povoavam os olhos ainda tontos ali vagamente se moviam. Voltei-me, então, sobre o meu flanco direito; a janela estava aberta para a noite. Era uma noite sem lua, que ciciava em árvores e murmurava em águas humildes; e uma grande estrela brilhava.

Haveria outras, esparsas e pequenas, mas aquela era tão grande e cintilava com uma estranha palpitância; era tão distante, mas brilhava tão perto e tão para mim como se fosse uma lanterna que mão amiga houvesse pendurado em minha janela para me dar alento no fundo da treva. Eu vagara tanto pelo mundo que, ao despertar, não sabia em que leito, casa, país e tempo; e mesmo tinha de recompor minha idéia para lembrar se era feliz ou infeliz. Apenas senti que estava agora voltado para o norte, e do fundo de meu coração saí a estrela com a palavra que me veio aos lábios: Aldebarã!

Lera essa palavra em velhos, cansados livros que falam de astros e mistérios do céu; mas somente

SONETO

*E quando nós saímos era a Lua,
Era o vento caído e o mar sereno
Azul e cinza-azul anoitecendo
A tarde ruiva das amendoeiras.*

*E respiramos, livres das ardências
Do sol, que nos levara à sombra cauta
Tangidos pelo canto das cigarras
Dentro e fora de nós exasperadas.*

*Andamos em silêncio pela praia.
Nos corpos leves e lavados ia
O sentimento do prazer cumprido.*

*Se mágoa me ficou na despedida
Não fez mal que ficasse, nem doesse —
Era bem doce, perto das antigas.*

agora percebia que era uma palavra mística, feita de muitas outras, querendo dizer, em antigas secretas línguas: a Nova Esperança, a Grande Amiga, o Esquecimento das Mágoas, a Alegria da Noite.

Aldebarã, Aldebarã! — disse eu, com estranho

ardor; e foi como se a sua palpitância se fizesse mais fremente e pura. Então uma voz suave me disse, e era como se a minha melancólica mãe ou, ainda mais distante, a minha irmã e madrinha me passasse a mão pelos cabelos: “Descansa, dorme em paz, Aldebarã é tua amiga; e como soubeste dizer seu nome ela é para sempre tua amiga; dorme em paz, homem da noite solitária e cruel e dos fatigados, tristes pesadelos; dorme. E se amanhã, na tua inquieta fantasia, quiseses dar esse nome a algo que ames, podes dá-lo sem remorso à égua fidalga que no galope deixa que o luar lhe beije as negras crinas, ou à mais bela flor no pélago marinho; e até podes chamar Aldebarã a uma nuvem que se doira no momento em que o céu, para o ocidente, já toma a cor da triste violeta; mas promete que nunca darás esse nome, nunca, a nenhuma filha dos homens, por mais ansioso te faça a sua beleza peregrina.”

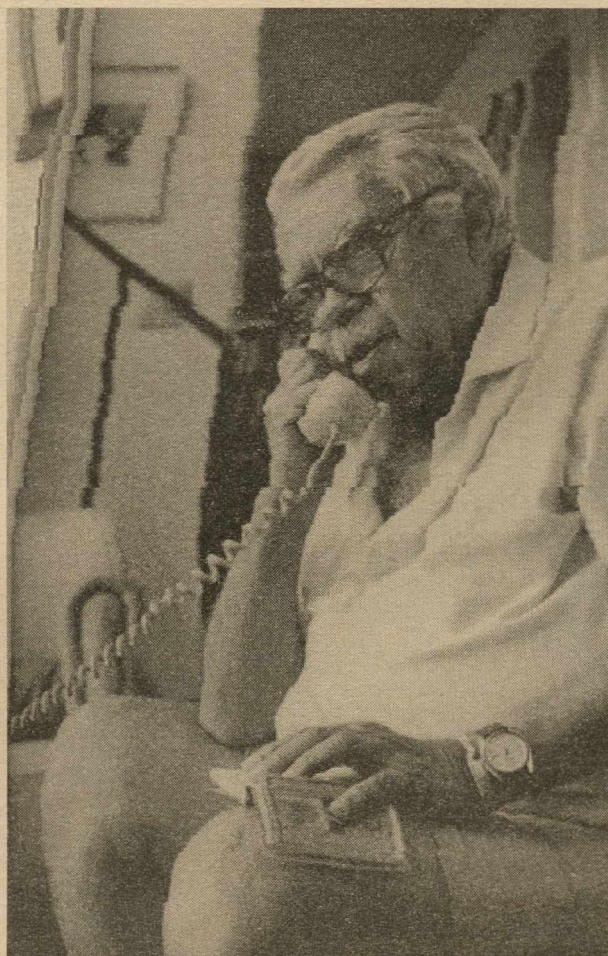
Eu disse apenas, humilde: “Prometo”. E então, pela primeira vez em muitos e muitos anos de longas noites, eu pude adormecer sorrindo, porque meu coração era puro como o de um menino.

Rubem Braga

Rubem Braga é nosso maior cronista pelo reconhecimento unânime de gregos e troianos. Durante mais de quarenta anos escreveu nos jornais mais importantes do país e suas melhores crônicas estão reunidas em livro. Quem não conhece *Um pé de Milho*, *A Traição das Elegantes*, *Com a FEB na Itália*, *Ai de ti Copacabana*, *O Homem Rouco*, *Recado de Primavera*, *As Melhores Coisas da Vida*?

Em todos eles, retratando o ser humano na sua travessia pelo mundo, criou um estilo que o tornou inconfundível. Um estilo para o qual já chamaram a atenção até para a colocação do ponto e vírgula. *Com a FEB na Itália*, como correspondente, testemunhou a Segunda Guerra, com a sua face absurda de brutalidade e sofrimento, contando histórias de nossos pracinhas, às quais não faltam o humor bragueano. A palavra fácil, a frase breve ou longa, não importa, mas de uma clareza só possível na limpidez da fonte mais pura. Uma nitidez, uma compreensão das coisas de quem tem o dom da visão transfiguradora, com a palavra como escudo e a poesia como armadura.

Rubem Braga foi uma lenda que vestiu o manto de uma discrição quase agressiva. Calado por temperamento, era uma pessoa silenciosa, distante e solitária, mas assim mesmo deixou uma legião exaltada de amigos. Basta citar Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos, Manuel Bandeira, Carlos Drummond e Vinícius de Moraes. A atriz Tônia Carrero fala dele com uma doçura que vai além da ternura. O amor foi constante na sua vida pela mão de belas e apaixonadas mulheres.



O cronista Rubem Braga no seu famoso apartamento, em Ipanema, no Rio de Janeiro++

O poeta Manuel Bandeira deu sentido ao termo bissexto para aqueles poetas de produção reduzida. Organizou uma antologia e nela incluiu, para referir uns poucos, Pedro Nava, Prudente de Moraes Neto, Gilberto Freire e Rubem Braga. O tempo passa e à revelia do cronista os amigos publicam seu Livro de Versos. Como o lugar-comum não envelhece, e com freqüência tem a força das coisas ditas pela primeira vez, destaquemos: poesia de boa água, de primeiríssima qualidade.

A coluna que O Galo hoje inaugura e que pretende ser pontual todos os meses, tem suas razões para começar com Rubem Braga. Na revista Manchete, nos anos 60, Rubem Braga, em duas páginas incluía sua crônica, o perfil de uma figura em estágio de realização artística (Tom Jobim, por exemplo) e a coluna *A Poesia é Necessária*. O Galo não traz nenhuma novidade, muda apenas de título, homenageando o cronista como criador da coluna e como poeta, com a transcrição do *Soneto* e *A nenhuma chamarás Aldebarã*.

O título da coluna foi inspirado num trecho de um diálogo do conto *Cara-de-Bronze*, de Guimarães Rosa, em que o vaqueiro Adino faz uma alusão à poesia com um palíndromo. A mesma fonte talvez tenha inspirado Décio Pignatari, que deu a um de seus livros o título de *Pois é, poesia*. De qualquer forma, o autor agradece a Guimarães Rosa e a Décio Pignatari pelo empréstimo, que pagará em moeda corrente da poesia.

Correspondência para Luís Carlos Guimarães, poeta, residente na Rua Heráclito Vilar, 863 - Barro Vermelho Natal/RN - CEP 59.030-450.

Amor pela terra-Natal

Getúlio Araújo

Ventos alísios de além-mares,
Dunas alvadias -
Coqueirais,
Sinfonias.

Pássaros singram nos céus,
Bravos Mares -
Pôr-do-sol no Potengi,
Praias potiguares.

Pescadores viajam em brancas velas
Contemplam infinitos mares,
Excitantes musas -
Noites estelares.

No velho Forte dos Reis Magos
Há lembranças de batalhas ancestrais,
Ibéricas -
Medievais.

Diógenes da Cunha Lima
-Poeta do baobá,
Habita casa do bardo Itajubá,
Vitória da poesia potiguar.

Getúlio Araújo, natalense radicado em Goiás, é escritor e médico. Organizou o livro *A presença de Câmara Cascudo em Goiás*.